Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



CLAUDETTE COLBERT
é a protagonista de «Tovarich», a deliciosa comédia de Litvak que a S. I. F. vai apresentar

2.ª SÉRIE—N.º 3—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 25 DE NOVEMBRO DE 1940—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VEM AQUI PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA ANTES DE QUALQUER CINEMA

A FOX-FILMES

apresenta

«O REGRESSO DE FRANK JAMES»

(The Return of Frank James)

Produção de *Darryl F. Zanuck*

dirigida por **FRITZ LANG**

Argumento original de *Sam Hellman*

Personagens:

Frank James	HENRY FONDA
Eleanor Stone	GENE TIERNEY
Clem	JACKIE COOPER
Major Rufus Todd	HENRY HULL





A América é apenas um continente; os Estados ainda não se uniram. O homem vai desbravando terreno à custa do índio, e atrás dêsse homem vem outro e outro; caminham tão depressa que a justiça não os consegue alcançar.

Frank James (Henry Fonda) esperou em vão o castigo dos assassinos de seu irmão Jesse, cujas façanhas de guerrilheiro e salteador criaram lenda. «— Farei justiça pelas minhas mãos!» ...E a vida de Frank vai resumir-se tôda neste grito de vingança.

A caminho da grande aventura, Frank parece perseguir, mais do que os assassinos, a sombra de seu irmão...

O leal Clem (Jackie Cooper), a seu lado, é o pequeno traço de união com um mundo de que inteiramente descrê.







«— Mãos ao ar!»

Passados os limites da lei, persegue e é perseguido; vive ao ritmo da sua alma — sem paz nem sossêgo.

Obsecado no seu fito, vai trilhando a direito, e nem dá que tropeça sempre em novas vítimas.

Enquanto Frank James cumpre a tortuosa missão que a si impôs, um anjo bom surge na pessoa de Eleanor Stone (Gene Tierney).

Que *arranjo* sentimental se estará a estabelecer entre Clem e a delicada Eleanor?

A figura de Frank torna-se diabólica; as proesas de Jesse James revivem com mais ferocidade.

Enquanto o Norte luta contra o Sul, o aventureiro espalha, por onde passa, a confusão e a morte.







Prêso, consegue ser pôsto em liberdade. A recordação do passado começa a ser fardo demasiadamente pesado para os seus ombros. Entra a fincar-se-lhe no espírito e deshumanidade do propósito. E olhando para as mãos tintas de sangue não as acha já dignas de fazer justiça.

A terna Eleanor tem a intuição que aquela figura de gigante mau esconde uma alma transviada, e faz-se enfermeira dedicada e compassiva do torturado coração de Frank.

E uma interrogação se desenha: quem vencerá, o Amor ou o Odio?

Eleanor, ou melhor, o Amor triunfou. Nasce em Frank a esperança duma nova vida.

Firma-se entre os dois uma aliança, que se transformará dentro em pouco em oiro fino.

Que Deus tenha em paz a alma de Jesse James! *(Texto de António de Carvalho Nunes)*

2.ª série-N.º 3 — Prêço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65, Tel. 2 9856. Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMÉRCIO E DAS COLÓNIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5. NEOGRAVURA, LIMITADA, T da Oliveira, á Estrêla, 4-6.º

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

25 de Novembro de 1940

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

ESTÁ ASSEGURADO O FUTURO DO CINEMA ESPANHOL

Graças a Garcia Vinolas, brilhante jornalista espanhol, cuja acção à frente do Departamento de Cinematografia, constituído durante a guerra tem sido notável podemos aqui escrever — está assegurado o futuro do cinema espanhol. O acontecimento não pode deixar de ter, fundamental importância. E, emquanto aguardamos o momento, que desejamos próximo, de aqui fazer igual afirmação do cinema nacional, consagremos alguns momentos ao cinema da nação vizinha.

ANTES DA GUERRA CIVIL...

Já antes da guerra a cinematografia espanhola era uma realidade. Produziam-se entre 25 e 35 filmes por ano, que um mercado bastante largo, em que estava incluída quási toda a América do Sul, pagava. Quási uma dezena de estúdios trabalhavam para a «Cifesa», «U-Filmes», «Ibérica» e «Febrer y Blay», produtoras-distribuidoras para que estiveram contratados, entre outros, vedetas como Rosita Diaz, Raquel Rodrigo, Antonita Colomé, galãs como o português Tony d'Algy, Roberto Rey, Miguel Ligero, Florian Rey e Benito Perojo eram os mais famosos realizadores. Nossec, antes de vir para Portugal, também trabalhou em Espanha o que, aliás, aconteceu a outros técnicos como Gärtner, os irmãos Goldberger, Pepe Arquelles, o português Villar e Henrique Campos, que em Espanha trabalhou como assistente. Arthur Duarte trabalhou também, dirigindo a organização de filmes na «Ibérica», vindo para Portugal, com tantos outros, quando o desencadear da guerra civil obrigou a paralizar as actividades dos estúdios.

DURANTE A GUERRA CIVIL...

Passados os primeiros tempos, logo que a organização das fôrças do partido nacionalista o permitiu, pensou-se no cinema, cujo valor, para propaganda e para fixação de momentos históricos não se podia desprezar. A par dos operadores de actualidades da Metro, Fox e Paramount, aos quais o cinema deve páginas como a famosa explosão do Alcazar, surgiram os operadores pagos pelo govêrno de Sevilha. De entre êstes um mereceu distinção, pela primorosa qualidade do seu trabalho e pela actualidade flagrante, obtida à custa de muitos perigos — Henrique Gärtner que, em Portugal assinou a fotografia de «Gado Bravo» e das «Pupilas do Sr Reitor».

Esta actividade de actualidades foi, assim, o traço de união entre a antiga produção e o momento que hoje aqui anunciamos — o momento em que o futuro do cinema espanhol está assegurado por uma produção contínua.

E' que da guerra nasceu o «Departamento Nacional de Cinematografia» de que acima falamos e que é, simultâneamente apoio e censura não só política, mas também artística e técnica de tôdas as organizações de cinema, e, também, produtora de filmes de propaganda.

Ainda outras razões permitem afirmar que o cinema espanhol não parou durante a guerra: na Alemanha produziram-se versões espanholas entre as quais «Carmen la de Triana» dirigida por Florian Rey.

DEPOIS DA GUERRA

Éste mesmo realizador dirigiu o primeiro filme depois da guerra — «Dolores», que foi também o primeiro feito depois de se divorciar de sua mulher e habitual vedeta, Império Argentina, e, ainda o primeiro filme que correu, com o título «Les Nuits d'Andalousie», no cinema francês «Les Portiques» — e com bastante êxito o que pode permitir salutares reflexões sôbre o tema «possibilidades de mercado».

Desde êsse momento têm-se progredido bastante. Actualmente o panorama que o cinema espanhol oferece e pelo qual se apresenta garantido o seu futuro pode apresentar-se em traços largos. Os estúdios são os mesmos (o de Ciudad Lineal da «C. E. A.», o «Roptense», «Ballesteros», «Aranjuez», em Madrid; «Orfea», «Lepanto», «Trilla-la-Ruive» em Barcelona) e um novo em vias de acabamento nos terrenos de Chamartin la Rosa. Êste é, em ponto pequeno, uma obra verdadeiramente modelar, com 3 «plateaux» e respectivas salas de projecção, equipado para mistura a seis bandas, três equipagens de sons R. C. A. e Klangfilm, luxuosos camarins para homens e mulheres, magnífico terreno para exteriores, etc.... Esta grande fábrica de filmes é dirigida por Bernaldez — abalizado técnico que, em Portugal foi assistente de António Lopes Ribeiro em «Revolução de Maio» e director de sons de «Gado Bravo».

ASSEGURA-SE A CONTINUIDADE...

Claro que uma obra da envergadura dêste estúdio não se construia para ficar nas contingências de pausas de actividade. Florian Rey vai aí realizar o seu próximo filme «Tierra Bruja» que se liga especialmente a Portugal pois os exteriores seriam passados na fronteira Minho-Galiza, do lado português. Ainda mais: Arthur Duarte que há dias foi a Espanha trouxe a nova da possibilidade de dirigir uma versão portuguesa desta película utilizando técnicos, estúdio e laboratórios portugueses. O galã das duas versões será o português Tony d'Algy, cujo verdadeiro nome é António Infante, actor que já filmou em Espanha, Argentina, México, França e Hollywood mas que em Portugal, pràticamente é desconhecido.

Mas muitos mais filmes vão sair dos estúdios espanhois. Num rápido balanço lembramo-nos que Castelvi prepara um filme; o nosso conhecido Isy Goldberger é o operador «Um Marido Barato»; Lopes Rubio vai-se estrear a dirigir «Asombro de Damasco»; a C. E. A. faz «Tierra y Cielo»; nos estúdios Roptense filma-se «Jai Alai» sôbre a pelota basca, do porto nacional de Espanha; uma nova companhia, a «Quinefone» vai também produzir um filme cujo nome ignoramos; no «Lepanto» filma-se com o grande actor Jaime Borrás, glória nacional de Espanha, continuador das tradições duma grande família de actores; Julius Flechner dirige «Rapteme Usted»; na «Cinédia» além de Crucero Baleares» dirigido por Henrique del Campo e «Julieta y Romea» produzidos para «Ballet y Blay», vai fazer-se, com uma versão italiana, a vida de Lauri Volpi.

Como se vê razões de sobra tem o Cinema Espanhol para estar em festa. O seu futuro apresenta-se risonho e prometedor — assegurado por uma produção séria e contínua. E razão nos assistia igualmente, quando fazíamos, na abertura dêste artigo, votos para igual sorte do cinema nacional. Calculem o que será escrever um dia: o Cinema Português tem o seu futuro assegurado.

FERNANDO GARCIA



Uma foto de «Boda en Castilla», filme de Henrique Gastner, que ilustra bem o esplendor fotográfico da obra.

UM MANIFESTO DE GARCIA VIÑOLAS

Manuel Augusto Garcia Viñolas, chefe do Departamento Nacional de Cinematografia da vizinha Espanha (porque em Espanha o cinema merece as honras dum departamento nacional próprio), acaba de publicar na excelente revista que dirige, «Primer Plano», semanário que marca pelo seu cunho moderníssimo, liberto dos cânones sediços do jornalismo cinéfilo de chapa, um manifesto que, a todos os títulos, pode considerar-se notável.

Raras vezes vimos o agudíssimo problema das cinematografias «nacionais» colocado em bases tão sólidas, com tanta isenção e tal superioridade. O cinema é tido e havido como uma arte internacional por excelência. A concepção americana do espectáculo da luz, reunindo em Hollywood gentes das mais afastadas e diversas partes, influi, como não podia deixar de ser, na concepção universal do cinema, quer sob o ponto de vista comercial como sob o ponto de vista estético. A ela se têm procurado opôr outras concepções diferentes. A mais notável até hoje foi, sem dúvida, a russa, manifestada por S. M. Eisenstein, por Kaufman, por Dojenko, por Tcherviakov e Alexandrov (a concepção de Pudovkine, essa, é puramente internacionalista). A Soviécia da «Internacional» foi, paradoxalmente, a nação mais «nacionalista» no capítulo cinematográfico.

Surge agora a tese espanhola, enunciada brilhantemente por Garcia Viñolas. «Animatógrafo» considera-a tão interessante que pediu ao seu autor autorização para a divulgar nas suas páginas, o que começará a fazer num dos seus próximos números, logo que nos chegue a respectiva licença.

«REBECCA» é um filme excepcional
como é excepcional o livro donde foi extraído

Tirado do romance famoso de Daphne Du Maurier, editado com o mesmo título — um verdadeiro clássico do nosso tempo — cuja tiragem nos países de língua inglesa atingiu a cifra verdadeiramente astronómica de três milhões de exemplares, «Rebeca» conta-nos uma das mais impressionantes histórias de amor que têm sido projectadas num écran, quer pela alta intensidade dramática das situações, quer pelos estranhos carácteres que nesta história evoluem, maravilhosamente vividos por um grupo notável de actores de grande classe.

O argumento de «Rebecca», primorosamente adaptado ao cinema por dois dos melhores nomes de cenaristas com que Hollwood conta — Robert E. Sherwood e Joan Harrison — põe-nos a par da existência estranha e complicada dos habitantes do castelo de Manderley, que vivem sob o domínio absoluto dum ser que em vida fascinava todos que dêle se acercavam—«Rebecca», a primeira mulher de Maxim de Winter. E' nessa mansão, onde a memória de Rebeca perdura, que vai viver a segunda mulher de De Winter, uma jovem de origem modesta mas de grande encanto, por entre o ódio e a inveja dos que a rodeiam. E' ali que se passam os mais empolgantes momentos que é possível conceber, as cênas mais emocionantes de «Rebeca», a mais recente produção de David O. Selznick.

Um artigo que elucida completamente acêrca da categoria e do valor da produção da «United Artists» que tôda a crítica americana e inglesa distinguiu com 4 estrêlas



Joan Fontaine e Lawrence Olivier são os protagonistas de «Rebecca». Duas figuras de tão intensa emoção não aparecem freqüentemente nos «ecrans». E os intérpretes estão à altura das personagens.

QUEM É DAVID O. SELZNICK

David O. Selznick disfruta hoje — tal como Al Wallis, outro nome que merece ser fixado — uma das mais destacadas situações dentro da indústria cinematográfica americana, justamente ganha pelo seu extraordinário sentido do espectáculo cinematográfico, pela sua visão invulgar do negócio de cinema, pela sagacidade demonstrada na revelação dum talento ignorado, na escolha dum encenador cuja personalidade mais se ajuste à obra a realizar, na selecção dum assunto a filmar, enfim, por tôdas essas qualidades verdadeiramente excepcionais que devem caracterizar um verdadeiro chefe de produção. São disso exemplo marcante algumas das obras mais sérias que o cinema conta, como «Dawid Copperfield», «Duas Cidades», «Nada é Sagrado», «O Pequeno Lord», «Anna Karenina», «Nasceu uma Estrêla», «Aventuras de Tom Sawyer», «Gone with The Wind» e «O Monte dos Vendavais».

Assim Selznick não duvidou escolher para dirigir a adaptação cinematográfica da novela de Daphne Du Maurier alguém cujo nome a América quási desconhecia, chamando-o directamente de Londres, e para primeira actriz de «Rebeca» uma modesta artista que Hollwood teimava em ignorar. Queremos referir-nos a Alfred Hitchcock e Joan Fontaine.

HITCHCOCK, UM GRANDE REALIZADOR INGLÊS

Considerado como o mais pessoal dos realizadores ingleses, Hitchcock trabalha no cinema desde 1920, sucessivamente como redactor de legendas, director artístico e por fim, em 1923 como encenador, ao dirigir Bethy Blythe em «De Mulher para Mulher», que o Tivoli exibiu entre nós, e mais tarde a obra de mérito que era «A Mulher do Lavrador», que naquele mesmo cinema passou. Em 1930, quando o sonoro iniciava na Europa os seus primeiros passos, é Hitchcock quem realiza «Blackmail», o primeiro fonofilme inglês, obra que marcou na produção europeia da época um lugar de merecido destaque pelos elementos novos que trazia a uma estética nova do cinema. Ele foi também o realizador de «O Homem que sabia demasiado» e «Os 39 Degraus», dois filmes de ambiente policial que se podem considerar dois modêlos do género, tal como «The Lady Vanishes», que há dois anos os críticos dos jornais americanos consideraram o melhor filme estrangeiro exibido nessa época, nos Estados Unidos.

Especializado em filmes de atmosfera estranha, de ambientes misteriosos, em que o caso policial constitue o fulcro em volta de que gira a acção, dificilmente haveria no panorama cinematográfico mundial quem com mais acêrto e justeza podesse arcar com a tremenda responsabilidade que era levar «Rebeca» ao cinema. Por isso essa escôlha mais não é que a prova real da categoria de Alfred Hitchcock e, também, a agudeza de visão de David O. Selznick.

A INTERPRETAÇÃO DE «REBECCA»

Lawrence Olivier, o enigmático senhor de Manderley, cuja existência é toldada pela tragédia do seu primeiro casamento com Rebeca, morta em circunstâncias misteriosas, tem no filme uma criação extraordinária.

Ao excepcional intérprete de «Divórcio de Lady X» e de «Monte dos Vendavais» coube desempenhar a personagem de tão complexa psicologia como é a de Maxim de Winter, erguida por êle, mercê do seu pujante talento, maravilhosamente.

Joan Fontaine, até agora utilizada em papelinhos sem categoria, interpretando personagens aflitivamente anodinos, vive de forma absolutamente notável a figura terna e torturada da segunda mulher de Winter, que o casamento conduz a um meio onde tudo lhe é hostil, desde o ambiente aos servidores. A sua criação, porque duma autêntica criação se trata, de grande intensidade dramática, é magistral, verdadeiramente consagradora. Em boa verdade, só uma actriz de grande talento poderia arcar com um papel de tão grande responsabilidade.

A sua actuação em «Rebecca» elevou-a, dum momento para o outro, da mais vulgar mediocridade à mais alta categoria, colocando-a entre as maiores artistas do cinema de hoje.

Por sua vez são dignos de especial menção Judith Anderson, um nome novo no cinema, grande intérprete do moderno teatro americano, a quem coube a personagem sinistra, alucinante, da governante do misterioso solar de Manderley; o veterano C. Aubrey Smith, George Sanders, Nigel Bruce, Reginald Denny, Gladys Cooper, Florence Bates e alguns outros nomes.

OS TÉCNICOS DE «REBECCA»

O elevado nível artístico de «Rebecca», a alta qualidade técnica que aquele filme acusa, deve-se, também, é justo referi-lo, a um núcleo de colaboradores de real merecimento que intervieram na mais recente produção de Selznick.

Situando-se a acção de «Rebecca» em Inglaterra, numa das suas mais típicas regiões — Cornwall — Selznick chamou a colaborar no seu filme, como conselheiro técnico, um das mais competentes personalidades em assuntos ingleses, o major W. A. Bagley, cujas preciosas indicações contribuíram poderosamente para dar ao filme uma unidade e uma verdade a todos os títulos notável.

A Lyle Wheeler, arquitecto chefe da Selznick International, coube não só o traço de todos os planos, como arranjar, com bom gôsto e propriedade, os quarenta «décors» em que decorre a apaixonante acção de «Rebecca», e que contribuíram à maravilha para dar a atmosfera rigorosamente inglêsa da obra.

A fotografia, primorosa, de George Barnes, o «cameraman» de «Explorador Perdido», o autor dessa outra fotografia espantosa de «Justiça de Jesse James», e a judiciosa adaptação musical de Frank Waxman, são elementos preciosos na valorização da adaptação cinematográfica do livro célebre de Daphne Du Maurier.

A COTAÇÃO DE «REBECCA»

«Rebecca», que a Sonoro Filme vai apresentar brevemente em Portugal, mereceu da imprensa americana as palavras mais entusiásticas, as classificações mais elevadas que a um filme podem ser atribuídas. Não só as publicações corporativas como, muito especialmente, as grandes revistas independentes, dedicadas exclusivamente ao público cinéfilo, lidas por milhões de leitores e cujas tiragens ascendem, no caso de algumas delas, a centenas de milhar, lhe concederam os seus mais altos galardões. Photoplay, Modern Screen, Motion Picture, Movie Mirror, Silver Screen, Screen Life, tôdas foram unânimes em dar a «Rebecca» a classificação de *quatro estrêlas*, símbolo máximo da qualidade dum filme, na designação americana.

Falar mais de «Rebecca» seria trabalho inútil e inglório; o que acabamos de revelar parece-nos suficientemente elucidativo sôbre a categoria excepcional dêsse filme.

M. R.

PANORÂMICA

O correio de «Bel-Tenebroso»

Chega a parecer impossível, o número de cartas que todos os dias, pelo correio da manhã e pelo correio da tarde, chegam à nossa redacção endereçadas a «Bel-Tenebroso»!

O nosso colaborador, ao cabo de três números, já não tem mãos a medir. Mas «Bel-Tenebroso» é incansável, e jurou-nos que dispensaria, através de tudo, ajudantes ou secretários. Faz questão de responder pessoalmente a todos os seus e (muito em especial...) a tôdas as suas consulentes.

Surge, porém, implacável, o problema do espaço: Pois êsse vamos resolvê-lo de forma radical: desde que «Bel-Tenebroso» consiga dar-nos original suficiente, publicaremos as páginas suplementares que forem necessárias para que as respostas não sofram atrazos desesperante e desanimadores.

O «referendum» dos retratos-brinde, de que já hoje damos os primeiros resultados, alcançou um êxito notável. E' evidente que, por conveniências técnicas, todos os artistas que estão destinados a aparecer nas capas dos próximos números não poderão figurar imediatamente na nossa galeria. Mas disso, como de tudo, iremos informando os nossos leitores.

Assinantes

Não foi por esquecimento, mas muito de propósito, que «Animatógrafo» não publicou no seu primeiro número a tarifa das suas assinaturas. E' que não está na nossa índole estabelecer compromissos que não possamos cumprir. Mas bastou a procura do primeiro para que desde o n.º 2 o pudéssemos fazer com segurança, tanto mais que recebemos pedidos de assinatura ainda antes de publicar os respectivos preços.

Os assinantes de «Animatógrafo» que moram no continente deverão, em princípio, receber o seu jornal antes de êle ser pôsto à venda ao público. Reservamos-lhe surprezas e, desde já, têm a garantia da preferência nas festas que vamos promover. E quanto mais assinantes tivermos — melhor será o nosso jornal.

Por outro lado, nesta primeira campanha de assinaturas, todos os assinantes que inscreverem outros dois receberão uma fotografia de cinema, escolhida nas nossas colecções.

Chamamos a atenção para o seguinte: todos os assinantes da 1.ª série de «Animatógrafo» têm direito a receber os números que faltarem para completar a sua assinatura, desde que nos enviem o recibo que têm em seu poder.

Aos que não encontrarem o recibo, solicitamos que nos escrevam, indicando a sua morada actual, e o período da assinatura (ano, semestre ou trimestre), para que o possamos conferir pelo nosso antigo registo e restabelecer o serviço interrompido.

Uma exposição de caricaturas

Deve inaugurar-se brevemente, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, uma exposição de caricaturas cinematográficas do talentoso caricaturista portuense Manuel Guimarães. A exposição, que é feita sob o patrocínio do Sindicato e de «Animatógrafo», reúne trabalhos de muito interêsse.

Contamos com a presença dos nossos leitores, na data que anunciaremos oportunamente.

Um cavalo

Houve um jornal da tarde que achou muito espirituoso glosar um eco, daqueles que se escrevem para encher, baseado no seguinte mote: a morte duma égua que pertenceu a Rodolfo Valentino, e que os admiradores do astro que foi o mais amado de todos os astros do cinema enterraram com tôdas as honras. Tudo estaria muito bem se não viesse lá esta frase tôla: «ídolo de quantas meninas cloróticas existiram à superfície da Terra»...

Cloróticas porquê?

Onde estão os cinéfilos de há dez anos?...

«Mais où sont les neiges d'antan?...»

A melancólica pregunta de Villon, personagem eminentemente cinematográfica (quem se não lembra do «Rei Vagabundo» e de «Se eu fôra Rei»?) acode-nos ao espírito no limiar dêste artigo, que não quereria melancólico. Pelo contrário: precisaria de encontrar as tonalidades quentes, a alacridade vibrante da oratória, para dirigir do alto desta tribuna do «Animatógrafo», à assemblea atenta dos meus bons leitores, um clamor de chamamento e de incitação.

«Animatógrafo» nasceu — já o dissemos — da necessidade de cerrar fileiras. Não porque o espectáculo do cinema esteja periclitante ou sequer ameaçado de periclitar. Temos acumulado e continuaremos acumulando nestas colunas provas cabais de que não é assim. Mas um risco se correria pela certa se continuasse a não haver em Portugal uma única revista ou jornal de cinematografia: o público perderia o contacto indispensável com a marcha do cinema. As novas revelações, os novos filmes, as tendências novas, os princípios novos (porque o cinema, arte jovem, se renova e desenvolve com a pressa febril da adolescência) surgiriam abruptamente, sem preparação nem explicação. E chocar-se-iam com o público, desprevenido e desatento, pois só uma reduzida minoria tem possibilidade de adquirir as revistas estrangeiras, e hoje menos, verificada a desaparição das mais baratas e populares, que eram os semanários franceses «Cinémonde» e «Pour Vous».

Incompreensivelmente, os jornais diários portugueses (honrosa excepção feita ao «Primeiro de Janeiro») desinteressam-se com superioridade do cinema. Esquecem-se de que o cinema é o espectáculo que mais público atrai e que o atrai com mais regularidade. E, no entanto, em 1927, 28, 30, todos — absolutamente todos — dedicavam semanalmente uma página inteira aos filmes e à gente dos filmes.

Hoje, o que por lá vem de cinema é só isto: uma ou outra entrevista com «estrêlas» de passagem, uma ou outra vaga resenha de «première» de fita portuguesa, doze linhas sôbre uma curiosidade cinéfila, os anunciozinhos e os rèclamezinhos da ordem — e as famosas críticas.

Ora ninguém pode atrever-se a afirmar que isso acontece assim porque o cinema deixou de ter interêsse jornalístico. Cremos até que não há mais benvindo lenitivo para os bombardeamentos cotidianos de que dão pontualíssima notícia, que êste diabo do cinema, fábrica amena de sonho, manancial de vida, de mocidade e de beleza.

Mas isso não é connosco. O que é connosco é isto:

Quando há dez anos, quási sós, nos batemos pela revolução dos sons, reünimos à nossa volta alguns milhares (milhares, sim, senhores!) de raparigas e rapazes que, por todos os meios, pelo correio, pelo telefone, procurando-nos pessoalmente, ou pela simples compra do papel que fazíamos imprimir, nos aplaudiram, nos animaram e nos levaram à vitória total. Foi sôbre essa certeza que se equiparam as salas mudas com aparelhos de som, que se construiram o estúdio, os laboratórios, e foi possível produzir filmes nacionais, desde a «Severa» a «Pôrto de Abrigo». Êsses amigos, êsses «cinéfilos» existem. Hoje são médicos, advogados, engenheiros, militares, arquitectos, comerciantes, industriais, artistas, casaram, tiveram muitos meninos e foram felizes — ou não... Mas não acreditamos que não conservem pelo cinema um resto de carinho. Mais: temos a certeza que freqüentam com regularidade as salas obscuras, que já viram a «Ninotchka» e as «Mulheres», — e que compram o «Animatógrafo»...

Pois queremos saber quem são!

Vamos abrir uma inscrição de «cinéfilos», na nobre acepção do termo, conforme a explicamos no último número. Mas restringimo-la àqueles que já iam ao cinema em 1929, que assistiram à eclosão triunfal da sonoridade. Com êles fundaremos um clube — o «Clube do Animatógrafo». Quando podermos apresentar cem nomes, publicá-los-emos. Os mil primeiros serão os sócios fundadores. Para a inscrição não se exige qualquer outra formalidade senão esta: o nome, a profissão, a morada, e a declaração de que já ia ao cinema em 1929, feita num simples postal endereçado para a nossa redacção.

Bem sabemos que esta iniciativa, cujo interêsse nos parece inútil acentuar, pode esbarrar de encontro ao mêdo do ridículo que tanto embaraça as coisas portuguesas. Mas parece-nos mais ridículo deixar que gente ignara imagine que o cinema não conta amigos certos.

O cinema de hoje precisa dos cinéfilos de ontem! Se todos êles se inscreverem no «Clube do Animatógrafo», garantimos-lhe que não terão de que se arrepender.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

NOTICÍAS DE HOLLYWOOD

FRED ASTAIRE QUERE SER MAIS ACTOR DO QUE DANÇARINO

Por Hollywood passa agora uma vaga de insatisfação. Ninguém está contente com os papéis que lhe são distribuídos. Artistas de comédias ligeiras querem à viva fôrça interpretar o «Hamlet» na tela, enquanto que actores e actrizes conhecidos até agora como possuidores de forte temperamento dramático aspiram a desempenhar comédias ligeiras e movimentadas. Êste caso, por exemplo: Bette Davis, das maiores actrizes do cinema de hoje, criadora de figuras da mais alta vibração dramática, procura levar os irmãos Warner a darem-lhe papéis de franca comédia.

Com Fred Astaire passa-se, também, um caso idêntico. O maravilhoso bailarino, glória da dança do nosso tempo, cujos filmes têm tido aquele toque de ligeireza e de espírito que caracterizaram «Ritmo Louco», «Chapéu Alto», «Siga a Marinha», «Alegre Divorciada», «Roberta» não quere ficar atrás de Ginger Rogers, a sua antiga e talentosa «partenaire» dos filmes musicais, hoje uma magnífica actriz de alta comédia. Isto é, quere esquecer os papéis em que sempre o temos visto e mostrar-nos que é capaz de ser tão bom actor como foi «virtuose» dançarino.

No seu último filme «Second Chorus» («Segundo Estribilho») Astaire deixa os bailados a Artie Shaw, famoso concertista de jazz «hot», e guarda para si um papel humano e sincero. O mesmo acontece com o que está agora interpretando para a Universal, intitulado **Special Delivery,** em que não haverá sombra de dança, e onde tem como parceiras Gloria Jean, o novo fenómeno lírico de onze anos, e Baby Sandy o endiabrado miúdo de «Caído do Céu», que por sinal é uma menina...



FRED ASTAIRE visto por LAGINHA

A WARNER DISPENSOU PAUL MUNI A FOX CONTRATOU-O



PAUL MUNI

Paul Muni deixou a Warner Bros. em conseqüência de desintelігências havidas com o produtor Al Wallis relativamente ao novo filme que o intérprete de «Terra Bendita» deveria interpretar.

Muni queria uma vez mais viver na tela uma personalidade célebre — desta vez era a figura de Beethoven a desejada ao passo que a Warner, a quem já não interessava o género de biografias cinematográficas que celebrassem aquele actor, lhe queria destinar um filme de carácter absolutamente diferente, que se intitulava «High Sierra».

Em virtude dêsse desacôrdo, a Warner preferiu deixá-lo sair, depois de longos anos de feliz colaboração, ainda que para isso tivesse que presenteá-lo com meio milhão de dólares, a título de indemnização.

No entanto Paul Muni está já interpretando para a Fox **The Hudson Bay,** um filme que nos conta as aventuras de Pierre Radisson, caçador, renegado e fora da lei, o primeiro branco que atravessou o Canadá, de Quebec a Montreal, lutando contra a natureza inclemente e contra os índios selvagens. Com Paul Muni aparece em «Baía do Hudson», que Irving Pichel dirige, Gene Tierney, uma nova vedeta, que «O Regresso de Frank James» vai mostrar ao público português, Land Gregar, Virginia Field, Vincent Price e Nigel Bruce.

...E as biografias continuam!

CARY GRANT VAI CASAR

Cary Grant, depois de ter estado noivo, durante quatro anos, de Phillis Brooks, uma actriz de segunda categoria, facto com que Hollywood muito se divertia, vai casar. Vai casar, mas não se suponha que é com a fiel Phillis que o acontecimento se vai dar. Nada disso. Cary, com aquele ar bonacheirão e «não te rales» tem, como qualquer simples mortal, ambições mais altas, e não se conformaria com a idea de vir a ser o marido de uma actriz qualquer. As suas aspirações são outras, quere dizer a noiva actual fia mais fino. E' nada menos que Barbara Hutton, a herdeira de Woolworth, o famoso proprietário dos grandes armazéns do mesmo nome espalhados por todo o continente americano, e um das maiores fortunas dos Estados Unidos, da categoria da dos Rockfellers ou dos Vanderbilts.

O casamento deve realizar-se em Fevereiro do ano próximo, logo que Barbara tenha obtido o divórcio do seu anterior marido, o conde Haugurtz Reventlow.

MAX NOSSECK JÁ SE CASOU

Comunicada pelo próprio, chega-nos de Hollywood a notícia de que se casou Max Nosseck, que foi o super-visor de «Gado Bravo», e que esteve algum tempo em Lisboa antes de partir pela segunda vez para Hollywood, onde firmou um óptimo contrato com a Columbia, de que é representante, em Portugal, a Aliança Filmes. Max Nosseck não nos diz o nome de sua esposa. Diz-nos apenas que é americana e que não pertence ao meio cinematográfico.

A primeira mulher de Nosseck foi a saüdosa Olly Gebauer, a «Nina» de «Gado Bravo», que faleceu na Suíça em 1937.

A segunda mulher de Nosseck é já divorciada duas vezes, como a Fay do «Feitiço do Império»...

O primeiro filme de MICHÈLE

Michèle Morgan, a talentosa artista francesa que passou há algumas semanas por Lisboa em direcção aos Estados Unidos para cumprir um magnífico contrato com a R. K. O., está já interpretando o seu primeiro filme americano. Dirige-o Alfred Hitchcock, o notável realizador inglês, que gosa hoje de uma grande reputação em Hollywood e tem por título **Before The Fact.** Para seu «leading-man, escolheram os dirigentes daquela companhia o mais categorizado galã do seu elenco — Cary Grant.

A escôlha de Hitchcock e de Cary Grant diz bem do interêsse e do cuidado com que está sendo tratado o filme que serve de apresentação de Michèle Morgan aos cinéfilos de Além-Atlântico.

MARLENE E OS SETE PECADORES

Marlene Dietrich vai esta época aparecer aos seus admiradores portugueses numa personagem diametralmente diferente daquelas que até agora desempenhara e que lhe grangeou de novo uma extraordinária e merecidíssima popularidade — a primeira figura feminina de «Destry Rides Again», que em português se intitulará «A cidade turbulenta» em que ela trocou os vestidos luxuosos e as atitudes langorosas dos seus filmes precedentes, pelos trajos simples e os costumes rudes do oeste americano.

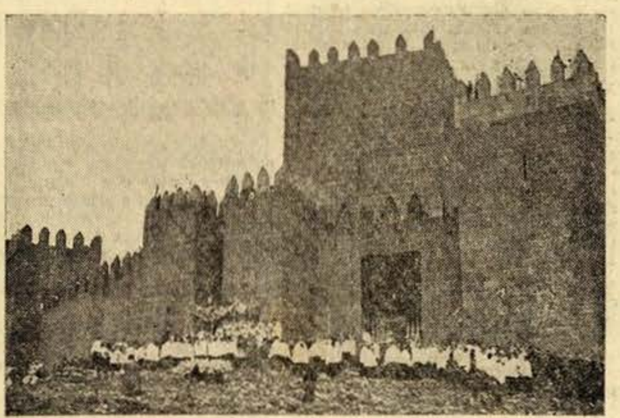
Marlene acaba de concluir agora um novo filme produzido para a Universal por Joe Pasternack e dirigido por Tay Garnett. Intitula-se **Seven Sinners.** Ao lado de Marlene Dietrich em «Sete Pecadores» aparecem John Wayne o bandido vingador de «Cavalgada Heróica», Albert Dekker, Broderick Crawford, Mischa Auer, Billy Gilbert, Anna Lee, Samuel S. Hinds e Oscar Omolka, o vigoroso actor alemão que há alguns anos trabalha nos estúdios americanos.

FITAS NA FORJA

- **Knute Rockne, All American,** com Pat O'Brien, Gale Page, Ronald Reagan e Donald Crisp. Dirigida por Lloyd Bacon. Warner. (S. I. F.).
- **Litle Nellie Kelly,** com Judy Garland e George Murphy. Realização de Norman Taurog. Metro-Goldwyn-Mayer.
- **They Knew What They Wanted,** com Carole Lombard, Charles Laughton, William Gargan, Harry Carey e Frank Fay. Dirigida por Garson Kanin. RKO. (Rádio Filmes).
- **I Want a Divorce,** com Joan Blondel, Dick Powell, Gloria Dickson e Frank Fay. Realização de Ralph Murray. Paramount.
- **The Son of Monte Cristo,** com Louis Hayward, Joan Bennett, Geor Sanders e Florence Bates. Realizado por Rowland V. Lee. United Artists. (Sonoro Filme).
- **Flying News,** com Richard Arlen, Andy Devine, Rolf Harolde, Dorothy Lovet, Janet Shaw e Richard Terry. Universal. (Filmes Alcântara).
- **Hit Parade of 1941,** com o chefe de orquestra de jazz Phil Silvers, Kenny Baker, Frances Langford, Hugh Herbert, Mary Boland, Ann Miller, Patsy Kelly, Franklin Pangborn, Borrah Minevitsch e a sua orquestra de harmónicas bocais. Direcção de John H. Auer. Republic. (Filmes Luiz Machado).

CINEMA PORTUGUÊS

As comemorações centenárias e a Exposição do Mundo Português foram fixadas pelo CINEMA



A Missa Campal de 4 de Junho, em frente do Castelo de Guimarãis e do retábulo de Aljubarrota.

Encerram-se solenemente no próximo dia 2 de Dezembro as Comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Independência de Portugal. Na mesma data se encerrará a Exposição Histórica do Mundo Português. Do brilho que tiveram tais manifestações da vitalidade portuguesa, cimentada durante oito séculos pelo sangue dos heróis e dos mártires, pela iluminação dos santos, pela bravura e pelo espírito, nada há que possa dizer-se mais.

Resposta definitiva a todos aqueles que, durante tantos e tão amargos anos, desdenharam de Portugal como nação, farol de paz erguido no ano em que toda a Europa restante se debate numa tormenta pavorosa, e que apontou um seguro pôrto de abrigo aos refugiados e aos cépticos, o Ano Português de 1940, cognominado justamente de Ano Áureo, marcou um lugar inesquecível na vida de todos nós.

O cinema cumpriu o seu dever

Tão brilhantes festejos, se tivessem ocorrido anos atrás, teriam vivido exactamente o tempo que durassem, e só seriam vistos por aqueles que tivessem a dita de os presencear.

Agora, felizmente, não é assim. Os homens possuem um aparelho mágico que lhes permite fixar os mais fugidios instantes, e reproduzi-los depois sempre que seja necessário: o cinema.

Mas a posse dêsse mágico segrêdo de nada serviria se não houvesse: primeiro, um Govêrno disposto a utilizá-lo; segundo, uma indústria portuguesa habilitada a fazê-lo.

Assim, todas as comemorações do Duplo Centenário foram fixadas pelo Cinema. Firmadas pela S. P. A. C., sob o patrocínio do Secretariado da Propaganda Nacional, as festas de Lisboa, de Guimarãis, do Pôrto, de Braga, do Algarve, do Alentejo, de toda a parte — porque o país inteiro celebrou orgulhosamente o seu glorioso ressurgir — foram exibidas e continuam a sê-lo em todo o país nas ilhas, nas colónias, no Brasil e no estrangeiro.

Quási todos os operadores portugueses — Octávio Bobone, Manuel Assis Vieira, Artur Costa de Macedo, Salazar Diniz — filmaram sucessivamente, e muitas vezes simultâneamente, as brilhantíssimas jornadas de 40.

Os camions da Tobis Portuguesa estiveram em Guimarãis, em Sagres; Paulo de Brito Aranha e Sousa Santos fixaram o «Te-Deum» da Sé, o discurso de Salazar do alto do castelo de Guimarãis, a missa do Promontório de Sagres, as marchas populares de Lisboa...

A S. P. A. C., com êsse material, já editou seis jornais de actualidades, e vai editar mais três até o fim do ano, jornais que constituem a série especial das comemorações.

A «Ufa» de Berlim incluiu na sua «Wochenschau», que é hoje o jornal de actualidades de maior expansão, os momentos cultimantes das Festas.

Todos os portugueses dispersos pelo país e pelo mundo puderam ver assim o Cortejo das Flores de Guimarãis, as bandeiras de Ourique, o Cortejo Histórico — tudo o que deu às Festas um cunho pessoalíssimo. E os vindoiros poderão ver, como nós vimos, quási viver como nós vivemos, graças ao cinema, êsses momentos inesquecíveis.

O filme da Exposição

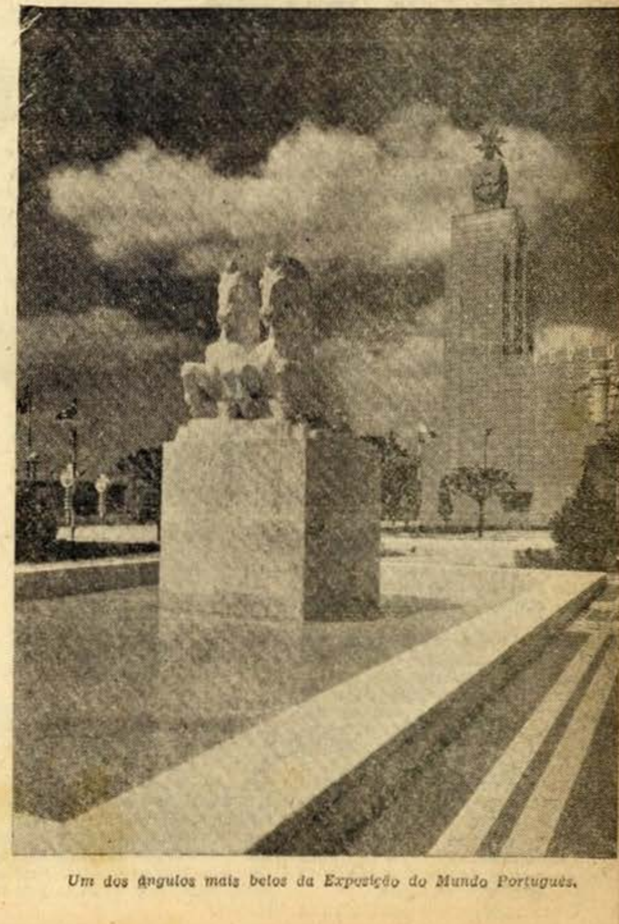
Mas uma outra missão não menos transcendente competiu ao cinema português: a retenção, em todos os seus pormenores, da maravilha de Belém, verdadeiro milagre do génio português — a Exposição Histórica do Mundo Português.

Depois da construção, depois do êxito, surge, inevitável, a demolição de todo aquele certame de beleza, em que dezenas de artistas competiram na exaltação das nossas grandes figuras e dos nossos grandes feitos. Mas o público e os próprios artistas já podem demolir tranqüilamente, quási sem saùdade. O cinema guardou na película sensível, em todos os seus grandiosos conjuntos e em todos os seus dedicados pormenores, a memória viva da Exposição do Mundo Português.

Durante semanas e semanas, pavilhão por pavilhão, sala por sala, sob a direcção de António Lopes Ribeiro e de Carlos Filipe Ribeiro, primeiro assistente do realizador de «Feitiço do Império», as câmaras de Bobone, de Vieira, de Macedo e de Salazar Diniz não deixaram escapar nada que merecesse ser guardado, na Secção Histórica, no Centro Regional, na Praça do Império, na Secção Colonial. Com beneditina paciência, estudando cada plano de per si, de forma a arrancar-lhe a mais fiel reprodução, cinco ou seis artistas portugueses trataram de fazer com que a obra de outros artistas seus compatriotas não se perdesse no tempo nem na memória dos homens.

Todos êsses milhares de metros de negativos estão revelados, copiados e visionados, havendo assim a certeza de que nada escapou, e tudo resistirá, sempre graças ao cinema, à lei fatal do tempo. Como o cinema é a única arte capaz de reter o movimento e a luz, é natural que o resultado seja compensador.

O S. P. N., a quem se deve a possibilidade disso ter sido feito, merece mais uma vez a gratidão de todos os portugueses.



Um dos ângulos mais belos da Exposição do Mundo Português.

VIDA CORPORATIVA

Empregados e assalariados

Dissemos que o Código de Trabalho (e não Estatuto Nacional de Trabalho como, por lapso, se publicou) contém um artigo em que se define a distinção necessária entre empregados e assalariados.

Esse artigo, o 4.º, tem-se prestado, no meio cinematográfico (e até noutros) a diversas interpretações, provocando divergências que é, evidentemente, necessário aplanar.

E se é certo que o parágrafo 3.º do mesmo artigo dá ao Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social poderes para resolver, por despacho, as dúvidas que possam surgir na destrinça, não é menos verdadeiro que o texto, forçosamente genérico, não resulta por isso menos sujeito a dúvidas, que não nos parece inútil evitar.

Comecemos por transcrever integramente o referido artigo 4.º da Lei n.º 1.952:

Art. 4.º — *As pessoas que prestem serviços a outrem por virtude do contrato de trabalho classificam-se em empregados e assalariados.*

§ 1.º — *São empregados aqueles cujo trabalho se caracteriza pelo predomínio do esfôrço intelectual sôbre o físico ou os que, pelo grau da sua hierárquica profissional, devam ser cnsiderados colaboradores directos da entidade patronal, tais como gerentes, contabilistas ou quaisquer profissionais de escritório, caixeiros e seus auxiliares, dactilógrafos e outros que desempenhem funções similares.*

§ 2.º — *São assalariados os operários de artes e ofícios e, em geral, os trabalhadores cujo serviço se reduz à simples prestação de mão de obra ou que pela natureza do serviço não possam classificar-se como empregados.*

§ 3.º — *O Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social resolverá por despacho as dúvidas que se suscitarem na interpretação dêste artigo cuja solução não esteja pendente de decisão dos tribunais.*

Há quem aproveite êste texto para o adaptar às suas conveniências, lendo o artigo sem os parágrafos, ou os parágrafos sem o artigo, estabelecendo classificações de fantasia. Não podemos classificar senão de fantasiosa, entre outras, uma que veio a lume recentemente, e em que arrumavam quási todos os trabalhadores da exibição no escaninho dos assalariados.

Ora, se as 83 categorias profissionais diferentes (e perfeitamente diferenciadas) que abrange o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema nos ramos de produção, distribuïção e exibição, se prestam, por vezes, a dúvidas, atendendo à diversidade de formas de contrato e de prestação de serviços, algumas há, no entanto que, pela simples aplicação do texto da lei não dão margem a hesitações. Essas, são, por exemplo as da exibição, em número de 17.

Pretende-se, por exemplo, considerar como assalariados os projeccionistas. Ora é evidente que o trabalho dum projeccionista *se não reduz à simples prestação de mão de obra*, condição que o § 2.º considera como a principal característica dos assalariados. A mão de obra, na cabine, compete aos ajudantes de projeccionistas, que êsses, sim, podem classificar-se como tal. A considerar-se o predomínio num esfôrço, o intelectual prevalece claramente nos projeccionistas, a quem se exige uma competência teórica que abrange conhecimentos de electricidade, de tecnologia cinematográfica e de mecânica; que são *submetidos a um exame*, sem o qual não lhe é atribuída a carteira profissional, nem concedido o direito de projectar filmes.

E onde está o esfôrço físico dum Fiscal, dum Fiel, dum Bilheteiro, dum reclamista? Todos êles se podem considerar *colaboradores* directos *da entidade patronal*, ao mesmo título que o Gerente, o Secretário, o Contabilista ou o Dactilógrafo.

A Direcção do Sindicato submeteu ao Instituto Nacional do Trabalho um projecto de descriminação dos seus associados em empregados e assalariados, que aguarda o despacho do sr. Sub-Secretário das Corporações e Previdência, despacho a que o § 3.º dá poderes descricionários. Todos os profissionais de cinema confiam na resolução que S. Ex.ª vier a tomar, e aspiram a que ela não tarde muito.

A Cartilha do Corporativismo

O Secretariado da Propaganda Nacional, organismo a quem se devem algumas das mais belas manifestações intelectuais e artísticas do Estado Novo, verdadeiro orientador da Política do Espírito, acaba de publicar, em muitas dezenas de exemplares, uma das suas edições mais úteis: «A Cartilha do Corporativismo».

Nessa preciosa brochura, de pequenas dimensões mas de incomensurável alcance, condensam-se, escritos da maneira mais clara e explícita, os princípios a que obedece a doutrina corporativa portuguesa. E enunciam-se as regras da sua melhor aplicação, elucidando os trabalhadores acêrca do seu conteúdo e fazendo-os medir o seu alcance.

Chega a parecer impossível que só agora se tivesse pensado em divulgar convenientemente as disposições legais que estão na base da organização social da Nação. Porque a verdade é que, até hoje, raros eram aqueles que as conheciam ou mesmo que podiam conhecê-las, pois só era possível tomar contacto com elas por intermédio de livros caros e de boletins oficiais pouco difundidos e de consulta pouco prática.

VER OUVIR... E FALAR

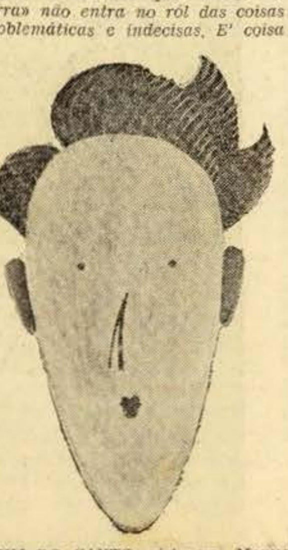
Jorge Brum do Canto leu as minhas palavras do número passado. Leu — e até pediu que se rectificassem algumas passagens por julgar que elas não traduziam bem os seus objectivos.

Todos os dias dou uma volta pelos centros do cavaco cinéfilo. Às vezes, encontro uns que se confessam inteiramente. Contam os seus projectos sem mêdo de arriscar diante de um jornalista as suas palavras. Outros, nunca dão a certeza de coisa alguma.

Esta semana, porém, ninguém me disse nada. Não apanhei uma notícia. Nem sequer ouvir ratar e criticar a certos inúteis, míopes e preguiçosos. Mas eis, quando pensava na falta de assunto (eterna preocupação de todos os dias) que surge o Brum do Canto a dizer, antes de mais nada, que «não precisa de capitalista que dê realidade» ao seu filme, pois «êste foi escrito para a Tobis Portuguesa que vai produzi-lo».

Estão a ver a minha dupla alegria. Estava salvo da falta de assunto e não tinha necessidade de recorrer a uma crónica cheia de coisas vagas a tender para o fumo, sem carácter definido. Também gozava a boa-nova de que «Lobos da Serra» é filme certo. Dispensa-se a «caça» ao capitalista. E' a nossa principal organização cinematográfica (refiro-me à Tobis, é claro!) que permitirá que se manifeste outra vez o talento de Brum do Canto, que não vive para outra aspiração que não seja fazer filmes.

Como vêem, não preciso abrir a torneira da fantasia e inventar notícias. Já se sabe que «Lobos da serra» não entra no ról das coisas problemáticas e indecisas. E' coisa assente. Brum do Canto não tem necessidade de magicar em dinheiro e, por isso, teve ainda tempo de me informar, também, que a acção da sua anunciada fita «não se passa em pardieiros, quintarolas, etc.; nem em Trás-os-Montes; nem com povos primitivos — antes pelo contrário».



BRUM DO CANTO, visto por Manuel Guimarães

Esta do «antes pelo contrário» é mesmo do Jorge!

E' «impar» — como se diz na sua roda de amigos. Mas mais impar me parece a sua revelação de que «nunca leu o folhetim de Ferreira de Castro». Palavra de honra que se êle não me dissesse isto, não acreditava. O Jorge, que lê tudo, (é capaz de devorar até páginas e páginas dos mais estravagantes livros sôbre peixes) não leu o célebre rodapé do «Século»!

Agora a última rectificação vai fazer torcer o nariz aos chamados cinéfilos-literatos, aqueles que só gostam de encontrar «recheio» no espectáculo cinematográfico. «O filme não é de conteúdo»! — diz o amigo Jorge Brum do Canto.

Tenham paciência aqueles que não concordaram com o processo seguido pelo autor da «Canção da Terra» em «João Ratão». Eles não constituem a maioria. Não são entre todas as classes de espectadores a mais publico, *imprimindo à adjectivação da palavra todo o seu sentido romântico.*

A mim quere-me parecer que Jorge Brum do Canto sabe muito bem o que faz. Não há-de perder a oportunidade de que o aspecto financeiro como o artístico marchem a passo certo. Pela minha parte, só lhe peço que faça cinema — cinema na sua fase superior, mas que não é só perfeição técnica, observação cuidada, rebuscamento de ângulos, pormenores bem estudados de planos...

Cinema que é mais qualquer coisa, — que é emoção, que é análise certa, que é justa anatomia de caracteres.

E até à apresentação de «Lobos da Serra», que desejamos seja breve, fique o Jorge com a certeza de que todos nós «arquivámos gulosamente as suas frases», como diria Eça de Queiroz.

AUGUSTO FRAGA

Má Língua

— A insinuante vedeta Mary Sundays, protagonista do célebre filme «The John Great Mouse», foi contratada, com mãe e tudo, para protagonista dum novo filme.

— O antigo e conceituado realizador da nossa praça Lyton Bar vai dentro em pouco produzir um novo filme, que surpreenderá pelas inovações que lhe serão introduzidas. O filme oferece, entre outras, a particularidade de começar pelo fim e o final ser no princípio.

— Os artistas Arthur Dewart e Thereza Couple foram convidados para desempenhar os principais papéis da nova versão do célebre filme «Voando para o Rio de Janeiro».

— Pretende-se fazer uma sessão portuguesa do filme da Metro «Mulheres», em exibição num cinema de Lisboa. O realizador tem encontrado dificuldades na escolha do «cart», pois até agora só encontrou actrizes com condições para o papel da intriguista interpretado na versão americana por Rosalind Russel.

"ROBIN DOS BOSQUES" que eu vi em Johannesburgo



O nosso redactor **BALTAZAR FERNANDES** fala-nos da segunda versão do «ROBIN HOOD», que viu na União Sul-Africana

Quando os azares (felizes...) da roda-viva cinematográfica me atiraram de Angola á Contra-Costa, a repetir, com bastante maior comodidade, a viagem de Serpa Pinto, parei dois dias em Johannesburgo, por simples devaneio turístico.

A prodigiosa cidade africana dos arranha-céus, metrópole do oiro, surpreendeu-me e prendeu-me, com a sua estação monumental, os seus milhares de automóveis, as suas lojas luxuosíssimas, os seus *tea-rooms* discretos e acolhedores, dirigidos por gregos, que parecem feitos em série, pela mesma fôrma, e principalmente — ah! muito principalmente! — pelos seus cinemas.

Os cinemas de Johannesburgo podem comparar-se aos melhores de Londres e Paris. Num dêles — o «Capital» — há mesmo um céu artificial como o do «Rex» do Boulevard Poissonière. E os filmes americanos passam ali primeiro que em Lisboa...

A mim, que vinha dos cinemazinhos de Angola, quási de pau a pique (se exceptuarmos o Cine-Teatro de Luanda), que ainda não conhecia os excelentes «Scala» e «Gil Vicente» de Lourenço Marques, que vinha portanto faminto de boa projecção e de bom som (elementos *fundamentais* do espectáculo cinematográfico, e que a maioria dos exibidores portugueses desprezam com estulta imprudência), a mim, cinéfilo sem remissão, pareceu-me ingressar no paraíso.

E o paraíso facultava-me nêsse dia uma recompensa de escol, ganha certamente pelas muitas indulgências que me granjearam os meus sacrifícios cinéfilos: passava no Capital «Robin dos Bosques», o filme colorido da Warner, com Erroll Flynn reincarnando o papel criado por Douglas Fairbanks!

Se fôsse em Angola, o único «Robin» visível seria o primeiro, o de 1923, o mudo. E isso nem constituiria sequer guloseima retrospectiva para um amador de velharias de toda a espécie como eu, pois não lhe faltaria o rol das mazelas clássicas: perfuração ratada, colagens feitas com cola-tudo, chuva implacável de riscos e cinco metros cortados de metro a metro...

Ali, o «Robin dos Bosques» era novinho em fôlha e apresentava-se impecàvelmente num «écran» em tamanho natural (as telas de alguns dos nossos cinemas mais chiques parecem de Pathé-Baby...).

Pude assim assistir, refastelado num «maple» autêntico, às aventuras walter-scottianas do bandoleiro alegre e decidido, com a sua pena de faisão no chapéu, os seus «shorts» rasgados e os seus botins característicos.

Robin Hood é o primeiro herói *desportivo* da literatura, se abstraírmos das proezas hípicas e de esgrima, mais guerreiras que desportivas, dos paladinos da cavalaria. Maravilhoso figurão, com um sorriso provocante e fácil, a personagem dá um rendimento cinematográfico espantoso. Douglas Fairbanks surpreendera-lhe todos os reflexos, mais importantes no estúdio que as subtilezas psicológicas, e disparava-os do alto da sua autoridade optimista com aquela segurança com que, durante vinte e quatro anos, deslumbrou o mundo.

Pois Erroll Flynn, que só os desatentos puderam alguma vez julgar mediocre, não deslustra a tradição do criador. Sem o copiar, fazendo uma criação pessoalíssima duma figura que tem o estigma de Douglas, inapagável na memória de todos os cinéfilos, conseguiu dar-nos a mesma *fuga*, a mesma «allure».

O seu sorriso calmo, a sua figura de atleta esbelto, a sua mocidade autêntica (a de Douglas, mesmo em 1923, era uma obra-prima de inteligência, mais que um produto natural) fez de Robin Hood uma personagem à altura de todas as circunstâncias.

A realização de Michael Curtiz (um dos raros realizadores europeus que fez carreira na América do Norte) essa pode dizer-se nitidamente superior à de Fred Niblo, não só pela grandeza, mas pela própria concepção do espectáculo.

Algumas cenas, como a do concurso de arco, o festim no Castelo de João Sem Terra, o primeiro encontro com o Rei que vem da Terra Santa, são prodígios de planificação, que se deve a Norman Reilly Raine e a Seton Miller.

Os parceiros de Errol Flynn são excelentes. Olivia de Havilland, a dedicada e linda Olivia de Havilland, é a «Marian» ideal, a-pesar-da boa recordação que guardâmos de Enid Bennett, *leading-lady* da primeira versão. Basil Rathborne é um soberbo e tredo «Sir Guy of Gisbourne». A sua *morgue* cínica faz maravilhas. Claude Rains, o «Homem Invisível», carrega um pouco a nota no seu João Sem Terra, mas é o grande actor de sempre. Alan Hale repete a proeza de 23, reincarnando o alegre «Little John». O seu encontro com Robin Hood é um poema de humorismo e de saúde. Ian Hunter é o Rei Ricardo Coração-de-Lião, criado na versão muda por Wallace Beery. E todos os outros não se limitam a «não desmanchar» o conjunto: antes o valorizam e completam.

Resta falar da côr de «Robin dos Bosques».

Não sei como haja amigo do cinema que prefira vê-lo a preto e branco, depois do que o technicolor demonstrou ser capaz de conseguir. Adivinho uma nova luta, inglória para os adversários da côr, semelhante à travada quando as imagens aprenderam a falar. Mas suponho que não haverá ninguém que discuta as côres de «Robin dos Bosques», duma transparência e, ao mesmo tempo, duma profundidade admiráveis. Os exteriores, sempre tão difíceis de conseguir, são esplendorosos. Só se torna necessário que o filme seja projectado convenientemente, com alta intensidade, e não com certas lamparinas a fingir de arcos voltaicos com que nos mimoseiam alguns cinemas da classe A.

BALTAZAR FERNANDES

As mulheres são realmente assim?

A propósito do filme «MULHERES» que se exibe actualmente no Eden, «Animatógrafo» resolveu proceder a um inquérito junto de algumas das figuras femininas mais representativas das diferentes actividades intelectuais e artísticas, fazendo-lhe uma pregunta indiscreta, mas cuja resposta se revelaria cheia de interêsse e de ensinamentos



Crawford, Shearer e Russell, incarnam três tipos diferentes de mulheres no filme da Metro-Goldwyn-Mayer. Paul Morand chamaria a esta foto: «La glace à trois faces...».

A peça americana de Clare Boothe, grande êxito da Broadway, actualmente em cena em Madrid, onde também «faz barulho», veio até nós por intermédio da sua versão cinematográfica, dirigida por Georges Cukor.

O filme põe assim o público português diante daquilo a que Goethe chamava «o único tema inédito», que é a Mulher. «O resto, Homero levou-nos tudo», comentava o génio de Weimar.

A crítica do filme já foi feita nas nossas colunas, sob o ponto de vista estrictamente cinematográfico. Mas não bastava. Pareceu-nos justo averiguar se uma obra que pretendia devassar os bastidores da alma feminina, analizando, com uma crueza quási microscópica, a vida íntima da companheira do homem, estava certa ou errada, se exagerava ou se ficava aquém da verdade. Para isso, confiados na superioridade de espírito de algumas mulheres e na nossa impertinência profissional, lheres que podíamos alcançar com e que sabíamos dispostas, pela inteligência e pelo carácter, a responder-nos francamente, encarregamos um dos redactores de «Animatógrafo», António Carvalho Nunes, de levar a cabo o delicadíssimo inquérito.

Os resultados, como pode verificar-se a seguir, não nos decepcionaram, muito pelo contrário.

«Animatógrafo» agradece reconhecido a confiança com que o distinguiram todas as mulheres que procurou, orgulha-se do facto de nenhuma delas ter procurado esquivar-se a um inquérito... perigoso, — e beija-lhes respeitosamente as mãos.

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA ABRE UMA HONROSA EXCEPÇÃO ÀS MULHERES PORTUGUESAS

Começámos por Virgínia de Castro e Almeida. A ilustre escritora levou a sua amabilidade a deslocar-se da Marinha de Cascais para ver o filme, a convite do «Animatógrafo», e poder assim responder ao nosso inquérito. Circunstâncias diversas não lhe permitiram de momento conceder-nos uma entrevista. Mas não se furtou à resposta, honrando-nos com a carta que a seguir transcrevemos:

Pediu-me você que fôsse ver o filme «Mulheres» e que respondesse à pregunta do seu inquérito: «As mulheres são realmente assim?»

A resposta é tão simples e tão evidente que só posso levar à conta do seu sense of humour o ter formulado a pregunta.

Quere você saber se eu entendo que as mulheres em geral são realmente aquilo que as engraçadas caricaturas traçadas por uma mulher e animadas com vigor clownesco pelas estrêlas de Hollywood, nos representam.

Sim, evidentemente, se tivessem uma chance de o ser, e a capacidade e o indispensável espírito combativo.

Mas porquê as mulheres?

Mulheres e homens são igualmente humanos e têm em si defeitos e qualidades, elementos destrutivos e construtivos, em equivalentes proporções.

Quere vêr?

Que ambicionam homens e mulheres daquela classe e daquela categoria — que são, hoje em dia, classe e categoria dominantes?

Dinheiro.

Qual a maneira de o alcançar?

Para os homens: o Negócio.

Para as mulheres: o Homem.

Se em lugar de se chamar: «Mulheres» o filme se chamasse «Homens», e nos mostrasse as lutas grandes e pequenas, ferozes e mesquinhas, as traições, as hipocrisias, as baixezas, as mentiras e, sobretudo a agudeza do ridículo tantas vezes atingida pelos combatentes dessas batalhas, na sua ânsia de alcançar — o Dinheiro, veriamos que as lutas, as intrigas, as maldades, a sordidez e, acima de tudo o elemento cómico, seriam iguais ou equivalentes aos que o filme nos mostra no plano feminino.

Você bem sabe que isto é assim mesmo.

O espírito combativo pertence à natureza humana. Aquêles que o não possuem são mortos-vivos. Verbos de encher. — Emquanto dura a linha ascencional de uma civilização, os fins alvejados pelo combate humano são mais ou menos nobres e construtivos até que atingem o apogeu em que tudo é grande e belo. No correr da linha descendente os fins alvejados e a própria luta amesquinham-se... até à sordidez do estertor.

Tudo isto são lugares comuns. A coisa em si, é tão evidente!

Que mais lhe posso dizer?

Isto: que no meu entender — louvado seja Deus! — a mulher portuguesa, a verdadeira mulher portuguesa, se conserva e se conservará ainda por tempo indefinido, emquanto fôr protegida, como ainda é e será, pelos grandes espíritos da terra, da raça e das tradições (que as suas colegas de além-oceano não possuem), a trinta mil léguas do matriarcado americano.

FERNANDA DE CASTRO DIZ QUE AS RAPARIGAS SOLTEIRAS TAMBÉM SÃO MULHERES...

Fernanda de Castro, a poetisa admirável de «Cidade em flôr» e «Daquém e dalém alma», a-pesar-de se encontrar doente, amàvelmente condescende a falar ao «Animatógrafo»:

— *O filme dá-nos uma visão incompleta, e por isso o título me parece ambicioso. As raparigas solteiras também são mulheres — e não as vi. Entendo que fazem falta; poriam uma nota de inocência, de frescura... Quanto às outras... a maior parte não é assim.*

«Animatógrafo» alude à vida social na América, particularmente aos grandes centros urbanos; e Fernanda de Castro elucida:

— *Haverá na América um determinado sector da vida social onde possivelmente se foram buscar algumas figuras do filme. Mas não generalisemos. Veja por exemplo em Portugal. A mulher portuguesa — estou certa — não veste por êsse figurino. E' que as raparigas aqui começam cêdo a ser educadas para serem mulheres — na verdadeira acepção da palavra!*

«Animatógrafo» compartilha tão agradável opinião e renova os votos pelas rápidas melhoras de Fernanda de Castro.

VIRGÍNIA VITORINO DIZ QUE OS HOMENS TAMBÉM DEVIAM RESPONDER PELOS SEUS ACTOS...

Virgínia Vitorino, a quem a literatura portuguesa contemporânea deve alguns dos seus melhores sonetos, dispensa ao «Animatógrafo» um amabilíssimo acolhimento: E comenta:

— *Não há razão plausível para que na fita os homens não apareçam a responder pelos seus actos... Certas atitudes tornar-se-iam, dêsse modo, talvez mais compreensíveis. Aquela mulher intriguista, por exemplo, que se compraz com a desgraça, das amigas é duma maldade inverosímil».*

— A intriga é uma palavra feminina..

— *Mas sempre intencional; tem antecedentes e um interêsse no seu objectivo. Como «desporto» foi a primeira vez que vi...»*

Norma Shearer é, na opinião de Virgínia Vitorino, a actriz a quem coube a figura mais humana do filme:

— *a que reünia mais condições para ser portuguesa...*

E acrescenta: — *Ela acaba por trilhar o bom caminho quando regressa para recompor o lar para se colocar ao lado de sua filha...*

— E do marido, também?

— *Porque não? Uma mulher que não se esqueça da sua verdadeira — a mais nobre — missão, não deserta perante o devaneio inconseqüente do marido.*

E indo ao encontro da objecção:

— *A fôrça da mulher é a sua fraqueza. A sensibilidade, nela mais apurada que no homem, é quási um sexto sentido, que parece permitir-lhe adivinhar.*

Uma alusão à condessa tonta, e a outras figuras do filme, arranca esta afirmação à autora de «Degredados»:

— *...Não são transplantáveis para o nosso país; graças a Deus morreriam à míngua de ambiente».*

— A mulher portuguesa...

— *E' com orgulho que penso ser ela, talvez a única, capaz de abandonar luxo, dinheiro, posição social, tudo — quando sente que ama alguém.*

MANUELA PORTO DÁ PROVAS DE UM CURIOSO E LOUVÁVEL «ESPÍRITO DE CLASSE»...

Manuela Pôrto, a recitadora excelente, dispõe-se com muita gentileza a responder ao «Animatógrafo», mas confessa-se embaraçada. E definiu o seu embaraço assim:

— *Se digo que as mulheres não*

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA, FERNANDA DE CASTRO, VIRGÍNIA VITORINO, AMÉLIA REY COLAÇO, ESTRELA FARIA, MANUELA PORTO E MARIE DUBAS

respondem ao inquérito sensacional de «Animatógrafo»

são assim falto à verdade; se afirmo que as mulheres são assim tal qual sinto que faltaria a um dos deveres mais sagrados para mim: a solidariedade para com o próximo, que neste caso calha ser a próxima, isto é: uma ou umas pobres mulheres como eu.

AMÉLIA REY COLAÇO GARANTE QUE 90 % DAS MULHERES SÃO ASSIM MESMO...

Amélia Rey Colaço — «the right Woman in the right place» — recebe no seu teatro, com desvanecedora gentileza, o «Animatógrafo». A resposta é nítida, e pronta:

— *90 % das mulheres são assim!*

Mentalmente reservamos logo os 10 % que restam, para as leitoras da nossa revista...

— *O filme é uma sátira cruel, sangrenta... Mas que quere? A mulher de hoje é, muitas vezes, assim: duma desconsoladora frivolidade. O cuidado que põe a pintar-se, a arranjar-se, toma-lhes de tal forma o tempo que a sua «vida interior» não é mais que um sôpro de espírito...*

Amélia Rey Colaço ao dizer que se *«vêem muitas bonecas e poucas mulheres»* mostra-se integrada no espírito duma época essencialmente construtiva, mau grado as enganadoras aparências em contrário.

Amélia refere-se ainda à maneira, que ela considera errada, como Norma Shearer, no filme, a princípio reage perante a leviandade do marido. E põe-se a questão:

— Que deveria ela fazer, então?

— *Só ela conhece o marido...*

Havemos de convir que realmente a pergunta, além de pessoal, é intransmissível. E a figura desempenhada pela Norma nada nos pode dizer a tal respeito...

A PINTORA ESTRÊLA FARIA DIZ DE SUA JUSTIÇA E NÃO FALOU DE INJUSTIÇA...

Estrêla Faria, uma das mais vivas revelações da nossa pintura no último decénio, recebe «Animatógrafo» no seu «atelier».

— As mulheres são realmente assim, como as vemos no filme?

— *Corrijo: há mulheres assim. Mas nem todas são assim...*

— A caricatura parece-lhe excessiva?

— *Quem assiste, como eu, às conversas que se ouvem nos cabeleireiros e noutros «lugares selectos», supõe quando vê o filme, que está a vêr um documentário... Mas não julgue que desminto a minha primeira afirmação. Há vários aspectos da mulher que foram talvez excessivamente esquecidos. O aspecto maternal, por exemplo. As duas «mãis» que aparecem na fita pertencem a uma espécie bastante particular...*

— Faltam portanto tipos de mulher numa obra que pretende ser um catálogo de tipos femininos...

— *Faltam, sim. Falta a mulher desconfiada (desconfiada como eu, por exemplo...). Em meu entender, as mulheres do filme confiam demasiadamente umas nas outras... Isso explica de-certo modo o bem sucedido das intrigas que se tecem no filme...*

— Já conheceu alguém da fôrça da «Sylvia Fowler»?

— *Conheci e conheço. Acredite que há quem faça intrigas por «sport», por desocupação, quási por necessidade física...*

— Quais os momentos que lhe pareceram mais flagrantes?

— *A conversa de Joan Crawford ao telefone e os comentários da colega dela na perfumaria. Repito: «Mulheres» tem o valor documentário dum filme cultural...*

MARIE DUBAS DIZ QUE NUNCA NINGUÉM SE ATREVERIA A FAZER UM FILME SÔBRE OS HOMENS...

Marie Dubas *c'est «La Chanson Française»*, e um espírito vivíssimo de mulher:

— *«Vi o filme no Rio de Janeiro, pela primeira vez... Mas custava-me confessar a mim própria que sim, que era verdade. E fui, mais uma e outra e outra vez, e voltei a vê-lo agora, na esperança de poder surpreender um deslise de observação, uma atitude errada, qualquer argumento enfim que me permitisse negar que efectivamente as mulheres são assim.*

— Clare Booth, a autora do livro...

— *Como ela nos conhece bem! O que nos perde é o orgulho; não o orgulho feito de dignidade, mas o verdadeiro, aquele que leva afinal a mulher — tantas vezes! — ao tentar torná-lo inacessível, a fazer sacrifícios mais pesados, muito mais dolorosos que o do próprio orgulho...*

— Talvez instinto de defesa mal compreendido...

— *«Talvez. Mas sobretudo a falta de compreensão da mulher em face do homem. A vida leva êste à acção e a acção a certos desiquilíbrios, a passageiros momentos de fraqueza».*

— Há um ditado francês que diz «amar é perdoar...»

— *E também compreender. A mulher só pode vencer se não teimar que vence.*

— E o que seria um filme sôbre os homens?...

Marie Dubas sorri e diz convicta:

— *Ninguém ousaria fazê-lo.*

— *«Os homens nunca se atreviriam a mostrar-se tal como são! E' o seu prestígio perante nós, mulheres, que o não consente»...*

— Não achou que nenhuma figura fôsse falsa, exagerada?...

— *As caricaturas parecem-se mais com os modelos vivos que os retratos... Talvez a figura de Sylvia esteja excessivamente «poussée»... Mas não ponha isto no seu jornal.*

Não seria justo que uma artista com o talento de Rosalind Russell fôsse ferida com uma crítica, de-certo incipiente, duma outra mulher que também representa...

Que Marie Dubas nos perdôe ter salientado exactamente o que nos pediu que ocultássemos. Mas pareceu-nos tão próprio da sensibilidade feminina, tão digno de mulher, esta suprema delicadeza duma actriz de talento para uma sua camarada, que supomos não ser possível fechar êste inquérito com chave de melhor quilate.

No próximo número:

UMA RÉPLICA IMPREVISTA

ao inquérito de «Animatógrafo»

Têm a palavra... os HOMENS!

WILLIAM POWELL depois de 2 anos de ausência reaparece no S. LUIZ

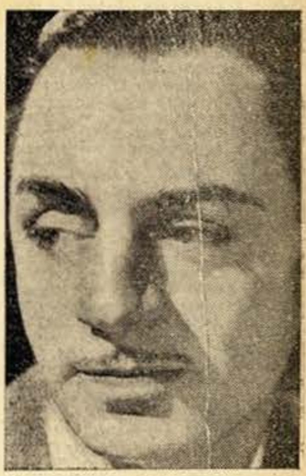
A notícia não nos pode ser indiferente: William Powell vai reaparecer nas telas de Lisboa, no filme que marca o seu regresso à actividade dos estúdios, após dois anos duma longa e dolorosa ausência.

Parece que foi ontem — e já lá vão três anos! Numa tépida tarde de Junho, no cenário de alvura imaculada do quarto do Hospital de Los Angeles, onde as gelosias riscavam manchas de sombra, e as flores tornavam mais irreal ainda o espectáculo da Morte prematura, Jean Harlow, no apogeu da sua esplendorosa beleza, expirava suavemente, nos braços do mais calmo e impertubável dos galãs da tela. William Powell, noivo da saudosa loira-platinada, e que durante dias e dias vivera por graça daquela luz que bruxuleava, prescrutando, ansioso, a marcha da doença, aparava em cheio o golpe brutal, que, surpreendendo o mundo, o mergulhava na mais atrós, na mais dolorosa das desventuras.

O Homem que passava, na tela, a brincar com o amor, que olhava as mulheres com uma indiferença aparente, que parecia inacessível aos pruridos românticos do coração — sucumbia, como um fraco, e o seu desespêro tocava as raias da loucura. Dias depois, dava entrada numa casa de saúde, a braços com uma tremenda crise de neurastenia.

Quando saiu, vinha melhor — mas não estava curado! A imagem da mulher querida perseguia-o, por toda a parte. Jean Harlow já não era dêste mundo, mas o seu fantasma surgia a cada canto, nas páginas dos jornais e das revistas, nos cartazes berrantes dos cinemas, nas esquinas das ruas tumultuosas das grandes metrópoles «Yankees». Um dia não resistiu — e foi vê-la ao cinema, onde a sua beleza radiante brilhava na tela como dantes, acordando nas plateias um mundo de desejos... Julgou endoidecer!

Veio, então, para a Europa e passou a ser sombra de si próprio — a sombra do «Homem-sombra». Mas o tempo dá remédio a todos os males. Dois anos depois, regressava à Metro — e interpretava Nick & Espôsa Detectives (Another Thin Man), com um êxito enorme! Diana Lewis sobrepusera-se à imagem loira de Jean Harlow. E a figura desta esbateu-se cada vez mais...



WILLIAM POWELL

William Powell vencera a crise tremenda por que passara!

E, agora, que o vamos rever, na tela do São Luiz, queremos saúdar o seu regresso festivo, justamente na personagem que criou — êsse adorável Nick, o impertubável marido de Myrna Loy — que resolve entre dois «whiskys», sem perder o bom humor, os mais intrincados mistérios, com o ar de quem nada teme e nada vê, como se andasse inconsciente, perdido no dédalo das investigações e das peripécias tenebrosas... Vamos vê-lo, novamente, socar um bandido, com a calma e a naturalidade de quem se sacode de pó; enfrentar os perigos com o ar desafectado de quem brinca aos polícias e ladrões — e, dentro do lar, dar lições de boa vontade e tolerância, ante aquelas deliciosas impertinências femininas de Nora, a mais tirânica mas a mais encantadora de todas as espôsas da tela.

Saúdemos em Nick & Espôsa Detectives, a ressurreição miraculosa de William Powell, galã da tela, Sherlock-Holmes involuntário, protagonista dum drama vivido, que tem agora, finalmente, o seu «happy-end».

FERNANDO FRAGOSO

CARTAS DUM CINÉFILO

Meu caro amigo e abalizado Director:

Muito estimo que esta carta o vá encontrar de saúde na companhia de todos os seus redactores mas devo dizer-lhe que estou muito zangado consigo.

Então o sr. contra o que eu lhe pedi foi-me publicar a carta? E se o meu pai lêsse? O que me valeu foi êle ter partido os óculos da vista cansada vai para oito dias e portanto não poder ler os jornais. Nunca mais me faça uma coisa dessas! Gostei muito de lêr o segundo número do «Animatógrafo».

Então já sei que apareceu um novo realizador, o sr. Adolfo Coelho. Ainda bem, de gente assim é que a Pátria precisa. E é cheio de iniciativa porque tem passado a vida a fazer filmes pequeninos sôbre as hortaliças e outras plantas caseiras e vai agora realizar uma fita de grande metragem. Que grande salto o do sr. Adolfo Coelho! Espero que seja um filme com planta, o que nem outra coisa é de esperar. Foi pena êle não me ter chamado para o seu lado porque então com os meus conhecimentos de cinema (conheço uma data de pessoas que vão às estreias e diziam bem da fita por eu lá estar) havia de-se fazer obra asseada.

Vou-lhe dar uma grande novidade, mas que fica, por emquanto entre nós porque podem-nos roubar a ideia. Estou convencido que vou revolucionar a indústria do cinema português. Com êste meu invento já se podem fazer fitas com muito menos dinheiro. Ando a estudar um processo de substituir a celuloide por papel vegetal. E que tal? Não é uma grande ideia? O papel vegetal é muito mais barato, é transparente, até se podem copiar as fitas boas e tem a vantagem, como é papel, quando alguma cena não estiver boa rasgar-se e fazer de novo. Quando eu apresentar êste invento comcerteza que vêem finalmente que o cinema português sem mim nunca pode ser nada.

E agora lá vai outra novidade. Vou, também, realizar um filme. Já tenho o argumento, os diálogos e a planificação; já fui ao Paladium escolher o elenco; já tenho escolhidos os locais para a filmagem; emfim já tenho tudo só me falta o dinheiro. Resolvido êste pequenino nada começo a filmar. Mas também lhe garanto que sem ter o dinheiro todo não começo a filmar. Não me vá acontecer o mesmo a mim que aconteceu àquele realizador que queria fazer uma fita sôbre um assunto inédito em cinema português: o «Ribatejo».

Êsse escreveu o argumento, escolheu os artistas e montou o escritório com todo o luxo e quando ia a começar a filmar já se tinha acabado o dinheiro. E o realizador está um bocado aflito porque parece que não dão nada pelo escritório.

Sem mais seu amigo e colega cineasta

Ignácio da Purificação

P. S. — Desculpe o port-escriptum mas como já tinha a carta fechada tem que ser. Soube agora que o meu pai já comprou outros óculos. Veja lá não me arranje algum sarilho. Olhe que êle bate-me. Não vê que o meu pai, como eu sou filho dêle, julga que eu sou uma besta. E julga também que isto de ser cineasta que é coisa de doidos. Como se não pudesse aparecer um dia um tipo com juízo, que seria eu...

I. da P.

VOLTE



Editorial Império, Lda

Uma GINGER ROGERS diferente vai ser-nos revelada em «SOMBRAS DA RUA»

Os admiradores da actriz admirável da Rádio Filmes, lerão com o maior interêsse êste artigo de ANDRÉ MASSIL

Desde o já quási remoto «Voando para o Rio» que todos nós — cinéfilos pròpriamente ditos e espectadores mais ou menos assíduos dos salões cinematográficos — nos habituámos à Ginger Rogers de longos e sedosos cabelos loiros. Sete ou oito anos de cabelos loiros — em filmes que, em sentido figurado, poderemos classificar de «loiros», também — chegam e sobejam para criar um «costume histórico». A fugaz mas maravilhosa aparição da Ginger, no «Ritmo Louco», com o seu rosto mais que perfeito emoldurado numa imaculada cabeleira de branca espuma de sabão — não bastou para destruir ou sequer deminuir essa áurea tradição. Nessa altura — há três anos — era ainda cedo para romper com uma fórmula que até nos seus efeitos comerciais se revelava *de oiro*.

Oiro que inunda o Mundo

Os doirados cabelos da Ginger brilhavam então em pleno fulgor, iluminavam os Estados Unidos como um segundo Sol, resplendiam pelas cinco partes do Mundo. E brilhavam, iluminavam e resplendiam com luz de tamanho encanto e de tal poder de sugestão, que começaram a surgir à face da terra milhares de cabeleiras loiras no tom dos cabelos da Ginger, penteadas como os cabelos da Ginger — que assim invadiram o Mundo! Pode dizer-se com propriedade e de acôrdo com o formulário ùltimamente em voga, que todas as raparigas do universo foram poucas para «espaço vital» do oiro cintilante que a Ginger trazia na cabeça — como uma coroa de rainha.

Mas os produtores de Hollywood são homens de negócio atilados e prudentes — quer dizer, conhecem profundamente a natureza humana. Sabem portanto que os gostos, as preferências, os entusiasmos das multidões são instáveis e inconstantes; que *souvent femme varie*; que os homens se pèlam por novidades e mudanças. E vai daí, não estiveram com hesitações ou com meias-medidas: acabaram com os cabelos loiros da Ginger, fizeram desaparecer em plena glória a sua doirada coroa de glória — antes que murchasse o seu brilho, que começasse a desbotar o seu prestígio.

A grande metamorfose

E' claro que a principal interessada foi a primeira a concordar — inteligente e sensata como é —, tanto mais que a operação fôra concebida em termos particularmente felizes, pois os produtores de Hollywood sabem fazer as coisas (e nêste caso tratava-se dos dirigentes da R. K. O. e do realizador-produtor Gregory La Cava, isto é, de homens que têm demonstrado com indiscutível continuidade que não deixam os seus créditos por mãos alheias). Assim não lhes passou sequer pela cabeça transformar a Ginger em morena ou modificar o seu «tipo» moral. Isso seria adulterar, ofender a sua personalidade — seria, em resumo, um crime! Ginger mantem-se igual a si mesma, mas de cabelos castanhos, escuros e ligeiramente fulvos — Ginger continua a ser a *glamour girl* n.º 1, mas de trancinhas e boné de pala.

Alguém a definiu — pelo que vira no «Chapéu Alto», no «Vamos Dançar», no «Ritmo Louco», no «Quero Sonhar Contigo», na «Porta das Estrêlas», no «Casamento em Segrêdo», na «Mãesinha à fôrça» — alguém a definiu assim: «uma rapariga loira, chamada Ginger, apetitosa e fresca, sensata mas maliciosa, esperta como um coral e saüdável como uma flor agreste, que luta pela vida com alegria e coragem, agora como corista, logo como caixeira de um grande armazem, sempre com o mesmo desembaraço e o mesmo bom-senso». Pois bem, a definição continua justa, desde que se troque «uma rapariga loira» por «uma rapariga ruiva». Hão-de verificá-lo quando virem brevemente o seu primeiro filme de ex-loira, «Sombras da Rua», o famoso *Primrose Path* dêsse grande realizador do cinema americano que se chama Gregory La Cava — um filme de que a exigente revista de Nova York *Modern Screen* disse na sua secção de crítica, que sempre se distinguiu pela sua intransigente independência: «a mais interessante, a mais excitante película saída nos últimos anos de Hollywood, a que dá maior impressão de *maioridade*».

Ginger com corpo e alma

Entendamo-nos porém: não se trata apenas da mudança mais ou menos sensacional do tom dos cabelos de Ginger Rogers — trata-se de facto da revelação de uma nova Ginger. Dissemos atrás, e bem, que ela continua igual a si mesma, que se mantem a sua personalidade. Mas os seus cabelos ruivos, as suas trancinhas, o seu boné de pala anunciam alguma coisa *nova, diferente*: uma Ginger mais humana, mais em contacto com as ásperas realidades da vida, mais próxima das misérias do mundo, uma Ginger de nervos e de carne, com sangue vivo e coração, uma Ginger agrilhoada à «condição humana» — *com corpo e alma*, portanto! É evidente que isto não implica de forma alguma a alteração da sua personalidade de artista. E será fácil compreender o interêsse que terá esta nova Ginger a quem soube ver com que espontaneidade, com que intuïção, com que sensibilidade ela interpretou a dançarina da «Porta das Estrêlas», a rapariga desempregada que arranja o mais extraordinário emprêgo num palácio da 5.ª Avenida, ou a caixeira-«Mãesinha à fôrça».

O encanto, a graça, a inteligência da Ginger Rogers loira e abonecada, aquela sua petulância maliciosa e natural que tanto picante dava à figurinha de artifício e ilusão que nos habituámos a admirar — não vão evidentemente desaparecer. Pelo contrário, só podem ganhar sabor e relêvo em contraste com a vibração humana, carnal e espiritual, da Ginger recemcriada.

Da 5.ª Avenida a Primrose Hill

E' claro que a nova Ginger vai aparecer em novo ambiente. Durante a sua primeira fase pode dizer-se que nunca «viveu» em meios pobres. As primeiras cênas de «Viva o Amor!» *(Having wonderful time)* foram excepção que confirmava a regra — tanto mais que duravam apenas uns escassos minutos. Ginger agora vai descer do seu mundo de fantasia, da região de sonho onde dançou com Fred Astaire, vai descer da 5.ª Avenida, da artéria «millionária» de Nova York onde teve maravilhosas aventuras — ao bairro popular de San Francisco chamado Primrose Hill, debruçado sôbre o grande porto da costa oriental como a nossa Alfama sôbre o Tejo. E aí a Ginger de tranças e boné vai viver uma aventura arrancada à vida real, tão sugestiva e tão bela como as suas irreais aventuras de outrora.

Todas as histórias de que Ginger foi até agora protagonista caracterizaram-se por um saudável optimismo — tanto as das comédias musicais que interpretou ao lado, melhor «nos braços» de Fred Astaire, como as dos filmes em que figurou *sòzinha*, isto é, em que apareceu a voar apenas com as suas próprias asas. Esse optimismo encontra-se também na história de «Sombras da Rua», e com um carácter mais vincado, ou antes mais convincente, por florescer depois de um encadeado de sofrimentos e de amarguras, de esperanças perdidas e de sonhos desfeitos. Por isso o crítico da *Modern Screen* chamou a «Sombras da Rua»: *a mais excitante película produzida por Hollywood nos ultimos anos*. E' que não há espectáculo que mais possa apaixonar do que aquele que reproduz, em composição ou transposição de verdadeira obra de arte, a luta árdua e constante do Homem com a vida — com os seus sofrimentos e com as suas tentações, com as suas miragens e com os seus prazeres. Ora em *Primrose Path* o Homem está representado por uma rapariguinha corajosa e linda — que combate pela sua felicidade contra as adversidades e tristezas do Mundo com alegria confiante e com desesperada, heróica bravura. E êsse combate constitue o espectáculo mais belo e empolgante que se pode admirar à face da terra!

ANDRE' MASSIL



Eis a nova Ginger, uma Ginger diferente e imprevista, de trancinhas ruivas e boné de pala, tal como aparece em «Sombras da Rua».

A FEIRA DAS FITAS

«ESTRÊLA LUMINOSA»

(Star Dust)

Se bem que fôsse tradução excessivamente livre do seu título original, êste filme deveria chamar-se em português: «Desta massa é que as estrêlas se fazem». É claro que semelhante «discurso» contém inconvenientes vários que impediriam a sua adopção para o efeito — mas teria a enorme vantagem de ser o mais expressivo possível, aquêle que melhor definia o seu conteúdo, porque, de facto, o filme mostra como são recrutados os rapazes e raparigas aspirantes a artistas de cinema. O assunto não é novo (haja em vista, apenas, o «Nasceu uma estrêla»), mas foi tratado desta vez segundo um ângulo que talvez se possa dizer inédito — e que oferece um duplo interêsse: por um lado a narração dos pequeninos dramas que cada aventura dêsses rapazes e raparigas constitue, e por outro a revelação dos métodos de apuramento dos candidatos e de certos aspectos documentários, inegàvelmente curioso, da vida e costumes da Cinelândia, especialmente para quem dedica, por qualquer motivo, atenção particular ao «assunto cinematográfico». É por isso que *Star Dust* deve interessar vivamente o mundo dos cinéfilos, visto que, feita a necessária transposição de proporções e mentalidade, são idênticos os problemas e as soluções que têm de defrontar os aspirantes a «estrêlas» e «astros» do cinema português. Algumas passagens do filme são particularmente elucidativas nêsse capítulo, como aquela em que a ensaiadora «carrila» uma cantora estreante. Outras cenas foram bem tratadas e são bem representadas, por exemplo a que mostra os «examinandos» à espera do terrível veredicto.

Representa inegável motivo de agrado o aproveitamento do *Grauman's Chinese Theater*, o célebre cinema em que se realizam as grandes estreias de Hollywood. Na cena final aparece Sid Grauman em pessoa, o proprietário do edifício — personagem de nomeada, principalmente por ter tido a ideia de gravar no cimento do passeio que circunda o seu cinema, as pègadas, as mãos, as assinaturas, por vezes até os perfis, dos artistas famosos de Hollywood. Como é fácil de calcular semelhante distinção é apetecida e ambicionada, pois representa hoje o reconhecimento público, de certo modo *oficial*, do valor e da fama dos grandes nomes do cinema americano. É justamente numa dessas cerimónias que aparece Sid Grauman quando a «nova estrêla» Cathryn Sayres tem a honra de «oficiar», nêsse ritual hollywoodesco. A cena tem um sabor simbólico, visto que Cathryn Sayres é Linda Darnell, uma jovem actriz há pouco promovida a vedeta. Vimo-la primeiro em «Hotel para Mulheres» — apenas bonita; depois apareceu em «Telhados de Vidro» — bonita e já actriz; agora, em «Estrêla Luminosa» continua tão bonita e mais actriz.

O galã do filme é John Payne, um novo também, que é marido de Ann Shirley. Noutros papeis vêem-se William Gargan, Mary Healy, Jessie Ralph, Donald Meek, a provocante e loira Mary Beth Hughes (que está a subir vertiginosamente no céu de Hollywood), o excelente Roland Young e Charlotte Greenwood, que representa depois de uns oito anos de ausência — ausência que não fizera esquecer no entanto as suas pasmosas criações em «Pamplinas em Pijama» *(Parlor, bedroom and bath)* e «Festas Felizes» *(Palmy Days)*, o primeiro filme sonoro de Eddie Cantor. — *D. M.*

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece admiração especial.

«ESTRÊLA LUMINOSA» (Fox Filmes)

— O interêsse «cinéfilo» do ambiente e das revelações sôbre certos apectos da vida e dos costumes de Hollywood.

— A interpretação de LINDA DARNELL (Cathryn Sayres), especialmente na cena da experiência decisiva.

«PELA GLÓRIA DO IMPÉRIO» (Filmes Alcantara)

— Os bons momentos da interpretação de BASIL RATHBONE (Clive Randolph), DOUGLAS FAIRBANKS JR. (John Randolph) e MELVILLE COOPER (Cosey), êste na bebedeira anti-amnésica.

«VINGANÇA DE CONDENADOS» (Lisboa Filme)

— A forma como WALTER CONNOLLY (o director da Penitenciária) se defende dum papel inapropriado ao seu tipo.

— A cena da morte de Runch, pela segurança e simplicidade da filmagem, que obtém, no entanto, um poderoso efeito.

— A cena em que o condenado faz a barba ao director da prisão, pelo calafrio autêntico que provoca.

VINGANÇA DE CONDENADOS

(Penitentiary)

Raros são os argumentos europeus que conseguem interessar os produtores americanos a ponto de os reeditarem nos Estados Unidos, em versão inglêsa. Isso aconteceu aos de Walter Reichs—«Mazurka», «Mascarada», — ao «Mioche» do português A. de Aguiar, e a poucos mais. Pode portanto considerar-se honrosa semelhante distinção.

O filme francês «Código Penal», dirigido por Forrester, que vimos há anos, e em que admiramos Harry Baur numa das suas primeiras criações para o cinema, mereceu-a — e mereceu-a bem.

Foi, necessàriamente, adaptada ao regime penal americano, que já nos deu toda uma série de películas, de que o célebre Big House *foi a fonte, ou antes o manancial, tantas foram elas.*

Esta que vimos agora tem inegável interêsse, pelo rigor da atmosfera, obtida com grande simplicidade, com aquela facilidade característica da técnica americana. Algumas cenas mesmo são particularmente felizes: a revolta dos presos, muito bem montada, a cêna em que um condenado faz a barba ao director da prisão e que consegue pôr os nervos do espectador à prova, sem que seja necessário apoiar no efeitozinho fácil e, muito principalmente a cena da morte de Runch, assassinado por um companheiro de prisão, por ter denunciado dois outros que iam fugir.

Esta cena merece mesmo destaque especialíssimo pois não nos lembra de ter visto cena idêntica tão bem resolvida, tanto na encenação como na filmagem, desde a famosa cena muda de «Vidas Tenebrosas», em que Georges Bancroft teve uma das suas mais poderosas interpretações e Sternberg o seu melhor filme.

O papel paralelo do de Harry Baur é interpretado aqui por Walter Connolly, falecido há poucos meses, e que foi sem duvida um dos melhores «característicos» do cinema. O papel não lhe estava, como se diz no calão do ofício, «na caixa». Connolly especializou-se em chefes de família cheios de bonhomia e de milhões (veja-se Uma noite aconteceu *e* A Rapariga da Quinta Avenida*), e é preciso muito boa vontade para o aceitar a priori como um temível acusador público tornado director da penitenciária. E isso mais valoriza a sua interpretação, excelente apesar de tudo, tão boa que quási rehabilita o êrro inicial.*

Os restantes intérpretes — John Howard, Jean Parker e outros menos conhecidos — conduzem-se com a correcção impecável do costume. E a realização de John Grahm, como pode avaliar-se pelo que ficou dito acima, anuncia uma segurança que estranhamos não vêr mais frequentemente aproveitada. — A. L. R

PELA GLÓRIA DO IMPÉRIO

(«Sun Never Sets»)

O tema aproveitado já por várias vezes, de maneira mais ou menos feliz, oferece sempre óptimas oportunidades para bons momentos cinematográficos quer pela emoção, quer pelos ambientes. Nesta película que Rowland Lee dirigiu com acêrto mais uma vez se contam os sacrifícios que impõe o dever, e as abnegações que exige a defesa do património dum império. O império é o Britânico e a acção desencadeia-se à volta da luta das autoridades contra uma organização de terror que pretende lançar o mundo na guerra, e que tem a sua séde clandestina, o seu pôsto de rádio que envenena a atmosfera internacional, numa mina da Nigéria.

A segura interpretação de Douglas Fairbanks Jor. e Basil Rathbone ofereceu bons momentos de emoção e interêsse. De Douglas é notável da veemência e energia toda a sua primeira cena, quando protesta contra a sua ida para as colónias, continuador de tradições familiares.

Basil Rathbone com sobriedade e equilíbrio modela muito bem a sua personagem, principalmente nos momentos em que ela sofre os golpes da adversidade.

Momentos com intensa humanidade como os que antecedem a morte de Carpenter transformam o seu efeito pela seqüência das cenas de aventuras do pôsto emissor da mina.

Melville Coper merece também uma referência especial pela interpretação da sua bebedeira anti-amnésica.

F. G.

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessàriamente uma atitude crítica determinada.

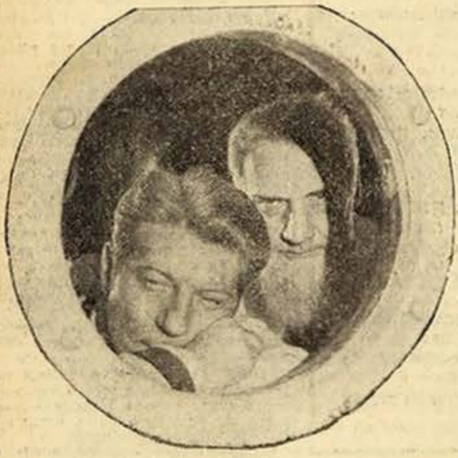
NOVO PROGRAMA É NOVO ÊXITO!

a LISBOA-FILME apresenta

O FAMOSO ARTISTA FRANCÊS

JEAN GABIN

EM DUAS SUPER-PRODUÇÕES



Ao lado da encantadora Michèle Morgan, a inesquecível protagonista de **«DAMA DE COPAS»** (**L'Entraineuse**), e da insinuante Gina Manès, vamos ver, brevemente no «Condes», um dos mais queridos actores franceses, consagrado em todo o mundo, **JEAN GABIN**, num romance de aventura, vivido num ambiente de palpitante interêsse policial. O filme intitula-se, no original, **«LE RÉCIF DE CORAIL»**, e entre nós passa a chamar-se:

"Longe do Mundo"

com MICHÈLE MORGAN

É UM ROMANCE DE AVENTURA



Másculo, varonil, **Jean Gabin** deu-nos mais uma criação admirável em **«GUEULE D'AMOUR»**, um caso de todos os dias, còmicamente triste, em que uma amisade era a única fé dum homem, e a farda que envergava, o seu único motivo de orgulho. **«Gueule d'Amour»**, estreado com êxito no «Condes» intitula-se em português:

"PASSOU UMA MULHER"

com MIREILLE BALIN

NÃO É UM FILME... É UM DRAMA ARRANCADO À VIDA

a LISBOA-FILME bate todos os «records» em «complementos de programa»

Nunca a **«Lisboa-Filme»** estreou um programa que não incluisse complementos de grande categoria, quer tratando-se de documentários portugueses, quer tratando-se de notáveis culturais comentadas na nossa língua.

Assim, por exemplo, a acompanhar

«DAMA DE COPAS»

apresentou

«ALGARVE EM FLOR»

e

«TUBARÕES DE AGUA DOCE»

Com

«VINGANÇA DE CONDENADOS»

deu-nos

«FESTA VINDIMÁRIA»

e

«APICULTURA»

●

e para breve

UM COMPLEMENTO DE GRANDE METRAGEM

Que prefere o público: programas SIMPLES ou DUPLOS?

O problema não preocupa apenas os empresários portugueses. Igualmente se mantém, praticamente insolúvel, no estrangeiro: que prefere o público: dois filmes no mesmo programa ou, simplesmente, uma produção de grande metragem, precedida de alguns complementos curtos?

Divergem os pareceres. Há os que defendem o programa duplo, afirmando que o espectador prefere, acima de tudo, a quantidade.

E levam a certeza ao ponto de oferecerem, nos seus cinemas, espectáculos, não só de duas películas de larga metragem, como no mesmo três, caso êste que o bom senso não parece aconselhar.

Transportando o problema para o campo nacional, podemos, sem grandes receios de errar, admitir que, por exemplo, em Lisboa, o programa duplo é imprescindível nos salões de reposição, preferido em certos cinemas de estreia, e contraproducente naqueles outros onde o público se firmou numa hipótese, porventura falsa, de que, quando dois grandes filmes são oferecidos, é porque nenhum dêles possui méritos bastantes para, só por si, ser a base de um programa.



Charlie Ruggles e Steppin Fetchit numa cena de «Que noite de núpcias aquela».

Esta suposição é que constitui êrro gravíssimo. Muitas e muitas vezes exibem-se programas duplos, constituídos de películas de muito maior valia qualquer delas de que outras estreadas isoladamente.

Porque sucede isto que desmente então flagrantemente a errónea suposição atrás registada?

Passamos a explicá-lo: Nos países produtores, a maioria dos cinemas não se limita, como entre nós, a dar, por noite, uma única sessão de três horas, mas sim, em muitos centros, abrem as portas às 11 horas da manhã e fecham-nas apenas às 2 da madrugada. Durante êste largo período, os intervalos são curtíssimos e o programa projecta-se consecutivamente. E' o sistema das sessões permanentes, usadas também entre nós, até a altura em que, medidas superiores, restringindo as lotações e o processo de admissão de público, impossibilitaram o clássico sistema.

Naturalmente que, quantas vezes mais um filme é projectado durante o dia, maior número de espectadores acorrem quando a película oferece condições de atracção, é claro...). E, quanto mais curto fôr o filme, mais vezes é possível projectá-lo durante o dia. Por esta razão, algumas firmas, em lugar de limitar, à chamada categoria «B», os filmes de uma hora de demora, hàbilmente fabricam películas, excelentes sob o ponto de vista artístico, técnico e comercial, mas que pouco mais de sessenta minutos oferecem de projecção.

Chegadas a Portugal, tais produções, a-pesar-do seu interêsse e categoria, tornam-se impossíveis de estrear sem ser acompanhadas de outra fita igualmente de grande metragem. De outra forma, teríamos um espectáculo que começaria cêrca das 22 horas, que abriria com um cortejo interminável de películas curtas, que enfastiaria o público com infinitos intervalos e que, no fim, o poria na rua muito antes da meia-noite. (E' verdade que nas grandes capitais, os espectáculos raras vezes acabam depois das 23 horas).

Há dois cinemas em Lisboa que criaram justa fama de marcarem uma posição excepcional no campo dos programas duplos.

São êles o Odéon e o Palácio e a razão da excelência dos seus programas com duas fitas firma-se na circunstância particular de, sendo explorados pela mesma emprêsa, a emprêsa Vicente Alcântara, exibem simultâneamente o mesmo programa que é transportado consecutivamente do primeiro para o segundo salão. Por isso, para o Palácio começar às 21,30, os espectáculos nocturnos, no Odeon, têm início às 21,15, o que impede que muitos filmes, dada a particular extensão imposta aos programas desta sala, possam ser apresentados apenas com complementos curtos. Assim, surgiram os invulgares espectáculos duplos do Odéon e do Palácio onde produções que, em qualquer outra sala, iriam muito bem como fundo de sessão pela sua relativamente curta demora, são aqui obrigadas ao acompanhamento de outra obra de equivalentes dimensões e também de igual valia porque — ainda por causa do sistema especial de exploração das suas salas — o filme que abre no Odéon, fecha no Palácio, e, vice-versa. Dessa forma, as duas produções têm que ser — e são-no sempre, na verdade! — de igual importância e interêsse.

Para não mencionar outras películas, basta recordarmos que, por exemplo, «Mulher Esquecida», de Sigrid Gurie; «A Casa do Medo», de Irene Heney; «Caído do Céu», a encantadora comédia que revelou o prodigioso petizinho Baby Sandy; «O Mistério da Sala Branca», o intrigante filme policial, tôdas elas tinham mérito suficiente, mas, para o caso do Odéon, dimensões escassas, para serem isoladamente apresentadas.

O mesmo se dá com outras muitas produções da Nova Universal, que Filmes Alcântara distribuem e que, como o «O Pai da Criança», com Mischa Auer e novamente, o pequeno Baby Sandy, desta vez em mais desenvolvido papel; «Heróis de Ontem», com Victor Mac Laglen e Nan Grey; «Quem Torto Nasce...», uma das mais rendosas produções americanas que em consecutivas sessões, esgotou todos os dias o Rádio City, de Nova York; e outros mais fariam a felicidade do cinema que as estreasse em fundo de programa.

Mas, para não citarmos senão mais um exemplo, lembraremos apenas o caso do novo programa duplo que os mesmos Odéon e Palácio estreiam na próxima 4.ª feira, 27 e que corrobora completamente, não só o que temos vindo a dizer sôbre a preferência do público pelos programas duplos das mencionadas salas, como também a respeito da sua especial valia.

Na mencionada quarta-feira, os filmes a estrear são «Que Noite de Núpcias Aquela!» e «Garra de Ferro».

«Que Noite de Núpcias Aquela!» é uma engraçadíssima comédia da Nova Universal, conduzida naquele ritmo vivo e jocoso como só os americanos sabem tratar os assuntos de decisiva intenção hilariante. Charles Ruggles é o noivo a quem as mais inesperadas e facetas atribulações acontecem, precisamente na noite do seu casamento com Ona Munson. Mas, mau grado seu, passa as noites, quási sempre, com a perigosa Marion Martin, todavia ainda menos de temer que o esposo desta menina, hercúleo lutador de seu ofício, ou o motorista de certo taxi, em que o noivo imprudentemente se meteu e que, havendo enlouquecido, pretende precipitar o carro no rio, só porque êle, motorista, não consegue dar o dó de peito!

Foi Gus Mein o realizador desta divertida película, da qual, as breves linhas atrás, só muito de longe permitem prever a alta comicidade.

O outro filme é um drama de grande merecimento. (Nos bons programas duplos é sempre de aconselhar que os filmes que os compõem sejam sempre de géneros completamente opostos). Trata-se de «Garra de Ferro» e é uma violenta evocação da sinistra «Barbary Coart» que, há coisa de um século, era o recanto do globo em que o crime e a dissolução mais fortemente campeavam.

Numa encenação magistral de Lloyd Bacon, em que, em pinceladas fortes, o genial director pinta o ambiente e as figuras que no mesmo se agitam, admiramos cenas de grandeza dominante: as ferozes lutas corpo a corpo, a estonteante vida dos cabarés em que reina o vício, a reacção violenta da gente honesta erguendo-se, numa hora de revolta, contra os bandidos que infectam a cidade, destruindo-lhes os antros, incendiando-lhes os coios, executando-os em justiça sumária.

Um núcleo excepcional de artistas interpretam o presente filme: são êles o popular James Cagney, a simpática Margaret Lindsay, o talentoso Ricardo Cortez, o hercúleo Barton Mc Lane, a donairosa Lily Damita e muitos outros.

«Que Noite de Núpcias Aquela!» e «Garra de Ferro» podem considerar-se como o padrão ideal do programa duplo, daquele programa que o público não terá dúvidas em declaradamente preferir porque, desta vez, junta-se a qualidade à quantidade!

G. R



O extraordinário James Cagney é o protagonista de «Garra de Ferro»

O Correio de Bel-Tenebroso

A avalanche de cartas continua!
As respostas sofrem assim um atrazo inevitável. Mas «Animatógrafo» vai resolver o problema. Leiam na secção «Panorâmica» o que se decidiu a tal respeito

ETERNA GAROTA. — Quando peguei na tua carta disse com os meus botões: «eu conheço esta letra...» O pseudónimo, porém, desnorteou-me. Mas quando a li, verifiquei que, afinal, não me tinha enganado. — Então o «Animatógrafo» deu-te completa satisfação?! Nem outra coisa era de esperar. Verás que, de número para número, encontrarás nas suas páginas novos motivos de interêsse.

BENJAMINA. — As suas palavras amigas e simpáticas tinham desta vez a sobriedade de estilo e a sinceridade inabalável dos comunicados de guerra. Estará V. influenciada por êsse género de literatura?!... — Aguardo a «próxima», que me anuncia, fazendo votos porque seja verdadeiramente quilométrica. — Os seus «vivas» foram correspondidos com entusiasmo e o eco dos mesmos repercutiu-se pela rua do Alecrim abaixo e foi morrer, cansado, nas águas do Tejo... (*Que diz a esta imagem do eco «morrer cansado»?*)...)

MISS SÉCULO XX. — Como V. me deixou à escolha o seu pseudónimo, voto, sem dúvida, no que primitivamente usou e que encima estas linhas. É incomparavelmente mais dinâmico e rádio-activo do que qualquer dos outros. Mas se fôr contra a sua vontade, me dirá se deverei escolher entre os que sugere. — Diz V. que a presente temporada ainda lhe não trouxe um bom filme. Mas olhe que não é assim. Claro que me informa não ter tido ainda ocasião de ver: «Monte dos Vendavais» e «Ninotchka», incontestavelmente duas produções «hors-classe»! Mas «Pinocchio»? «Idílio Musical»? «O Fim do Dia»? — Perca a esperança de ver na presente temporada «O Vento levou-a» (Gone with the wind). No entanto, tudo indica que o veremos na época 1941-1942. — Espero que V. me envie um exemplar do jornal de que é directora. Depois lhe darei a minha opinião. Mas não duvido, desde já, que meta a Imprensa portuguesa num chinelo.

JOÃO RATÃO. — Tino Rossi, como todos os artistas que se encontram em França, está alheio ao Cinema, por fôrça das circunstâncias... — «Se há fotos dêste artista?» Não percebo muito bem a tua pregunta! Queres adquirir alguma? Vê-las publicadas, nas páginas do «Animatógrafo»? — Quanto à sua melhor interpretação, diz-me um camarada da redacção que foi o casamento com a Mireille Ballin...

ORLANDO PORTUGAL GUE[illegible]RO — Na «Fortaleza do Silêncio», Annabella não morria, não senhor.

CALC[illegible]RO CINÉFILO. — *Bel Tenebroso* e *Animatógrafo* agradecem-te as tuas amabilíssimas palavras, e regosijam-se por terem em ti um entusiasta admirador. — Esta revista, a julgar pela correspondência recebida, conta, em Coimbra, com um apreciável contingente de leitores! — Quanto à tua primeira pregunta, devo dizer-te: tudo indica que sim! — Está anunciado para a presente temporada o primeiro filme de Gloria Jean.

HERMES. — Muito obrigado pelas simpáticas palavras com que saúdas a aparição da nossa revista. Transmito ao teu velho amigo «Multiplus» os cumprimentos que lhe envias. A tua «carta de apresentação» (*que saudades da Andrea Leeds!*) deixou-me uma excelente impressão. Espero, pois, que me escrevas agora, sôbre matéria cinéfila. Vv. aí no Pôrto estão com sorte, pois já viram o filme da Deanna Durbin, pelo qual, ou melhor pela qual todos nós suspiramos...

UM DOIDO ALADO. — Dizes-me que gostaste do «Monte dos Vendavais» e pedes-me que te informe se na realidade estou de acôrdo contigo! Mas não há duas opiniões! «O Monte dos Vendavais» é um filme de excepcional categoria. De resto, lê a crítica de Lopes Ribeiro no 1.º número do «Animatógrafo» e todas as tuas dúvidas se dissiparão.

SEDENTO DE AMOR. — Vocês, de vez em quando, descobrem «cada pseudónimo»! — Podes escrever à Jeannette Macdonald, para Metro-Goldwyn-Mayer Stúdios, Culver City, Califórnia. — A correspondência para a América está asseguradíssima. Por via aérea, tens o «Clipper». Por via marítima, há uma carreira directa, todas as semanas. De modo que não perderás o contacto (honny soit...) com as vedetas americanas...

HERCULES. — Claro que podes escrever, quantas vezes quiseres. Não necessitas de enviar o nome e morada, a não ser que queiras trocar correspondência, com leitores desta secção.

ANTINEA. — Folgo por que «Animatógrafo» te haja entusiasmado! Sei perfeitamente quem tu és, e lembro-me de ti, quando fôste candidata a intérprete dum filme de amadores, intitulado *Um concurso... um filme... uma estrela.* — Igrejas Caeiro é o laureado do inquérito realizado pelo *Diário de Lisboa* e pela *Emissora*. Na separata que publicámos no nosso primeiro número, figura na 4.ª página, ao alto e à direita, com a vedeta Elisa Carreira. Estão ambos de fato de banho. Não há que errar... — Cá fico à espera da tua próxima carta. E nada receies, quanto aos teus direitos sôbre o pseudónimo que adoptaste.

PRINCESA DOS DIABRETES. — Muito simpático e desvanecedor o teu «Viva o Animatógrafo». Também eu tenho uma grande alegria em reatar com os meus leitores de outros tempos a nossa conversa interrompida. — Não me parece fácil obteres as fotos dos vários filmes portugueses que pretendes. Nem mesmo pagando-as. Tenta, no entanto, as do «Porto de Abrigo». Escreve para a Lisboa-Filme, expõe a finalidade que pretendes atingir, e talvez sejas bem sucedida. — O Luiz de Campos a que te referes é o mesmíssimo Luiz de Campos do «Feitiço do Império». — E escreve sempre sem o receio de maçares...

MELITA. — Muito prazer em tornar a ler uma carta sua, depois de tão longa ausência. — Vejo que tem aproveitado bem o seu tempo, pois a lista do filmes que me envia é, de facto, qualquer coisa de notável! V. pode dizer que foi espectador de todos os grandes filmes da temporada. — Tinha muito interêsse em conhecer a sua opinião sôbre o filme referente à «1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul». Mais de uma vez, pensei que V. devia senti-lo, de maneira especial. — Espero que nunca mais tenha motivo para não deixar de me escrever, regularmente.

BOB TAYLOR. — Muito prazer em reler-te... — «O Novo Amor de Handy Hardy» é, na minha opinião, o melhor filme da série da Fam[illegible]lia Hardy. A história é deliciosa e o Van Dyke tirou dêle o máximo partido. — «A Verdadeira Glória» é um filme muito agradável, por vezes notável, e, sobretudo um espectáculo que interessa vivamente as plateias. — Se acredito na tese da «transplantação» dos olhos, que era o tema de «O Mistério da Sala Branca»? Desde que o Dr. Voronoff considerou os macacos como «o maravilhoso armazem de peças sobressalentes do corpo humano», e obteve os notabilíssimos e convincentes resultados que acreditam o seu método, já não há «transplantação» que se me afigure impossível.

MARIA MADALENA. — Muito simpática a sua cartinha. Fez bem em escrever-me. As leitoras novas, as leitoras de hoje, são tão bem acolhidas nesta secção, como aquelas que há muito se carteiam comigo. Dentro da correspondência de Bel-Tenebroso, não há hierarquias, nem preferências. As cartas são respondidas pela ordem de entrada. E as respostas são sempre conseqüência das cartas que recebo. Se quere ver com freqüência o seu nome nesta página já sabe o que tem a fazer: escrever amiudadas vezes. A receita, como vê, não pode ser mais simples... — Steffi Dunna é hungara... e poliglota. Fala nada menos de seis línguas. Exibiu-se em quási todas as capitais europeias, antes de tomar o rumo de Hollywood. Não me custa nada a crer que seja a vedeta do mesmo nome que V. viu em Viena, quando da sua viagem à Austria.

CINÉFILO TIRSENSE. — Tudo indica que veremos, êste ano, «It's a date», de Deanna Durbin, além de «O Primeiro amor da Gata Borralheira». — O filme de Carmen Miranda, «Down Argentina Way», ainda não está em Portugal. De resto, a sua estreia em Nova York é de fresca data. — «Idílio Musical» figura entre os filmes que o São João Cine apresentará, no decurso da presente temporada.

EXILADO DO MONDEGO. — Não vejo inconveniente no seu pseudónimo. *Exilado do Mondego* tem um sabor saüdosista e romântico, a pedir luar, e garganteios do Dr. António Menano. — No só não considero os seis artistas, homens e mulheres, como os melhores intérpretes cinematográficos, como ainda discordo da ordem que V. lhes deu. Dentro dos que V. cita, estabeleceria a seguinte escala de valores. Homens: 1.º Spencer Tracy: 2.º, Paul Muni: 3.º, Leslie Howard: 4.º, Charles Boyer: 5.º, William Powell; e 6.º Harry Baur. No capítulo de vedetas femininas, reportando-me, ainda, aos seis nomes que V. refere, organizaria a lista da seguinte forma: 1.º Greta Garbo: 2.º, Deanna Durbin: 3.º Luise Rainer; 4.º, Jeannette Mac Donald: 5.º, Danielle Darrieux: e 6.º Silvia Sidney. Note que a escala masculina é mais fácil de elaborar. No caso das artistas é difícil comparar, em valor absoluto, a Garbo, com a Deanna e com a Jeannette, por exemplo, porque têm características absolutamente diferentes. Experimente, a título de curiosidade imaginar o que seria a «Ninotchka», encarnada pela Deanna: a «Idade das Ilusões», interpretada pela Jeannette e a «Viuva Alegre», vivida pela Garbo — Transmito a *Alentejana dos Olhos Verdes*, *Uma loira madeirense*, *Uma garota sem importância* e *Benjamina*, o seu desejo de se corresponder com elas.

MAB-ILLA. — Como gostei de ler a sua carta! As suas impressões pessoais sôbre «Pinocchio», «Monte dos Vendavais» e «Ninotchka» têm verdadeiro interêsse! Três filmes de género diferente, mas tão iguais nas qualidades que os irmanam num plano superior! — A meu ver, a história de «Quando o outro dia chegou» não está completa... O que teria acontecido, quando os outros dias foram passando?... Quanto a mim, depois dum dia há sempre outro dia. E êstes nem sempre são tristes e cinzentos... — Aguardo agora as suas impressões de «Mulheres», «Bigamia» e «Minha mulher favorita» três títulos que poderiam condensar o argumento dum drama, e que reuni sem outro propósito que não seja o de citar três comédias, que lhe darão margem para saborosos comentários. — Espero que V. opte pela última fórmula da «eternidade»: um momento.

TONY. — Muito simpática a tua carta. Transmiti-a ao director de «Animatógrafo». — São curiosas as tuas impressões sôbre os dois filmes que citas. Nos filmes franceses, a fotografia, por vezes, deixa a desejar. Não te admires de a achares inferior à dos filmes nacionais, porque, dum modo geral, êstes têm beneficiado duma técnica de imagens segura, e muitas vezes notável. E o que se passa com a fotografia, observa-se também com o som. — Brum do Canto prepara «Lobos da Serra». António Lopes Ribeiro tem em estudo vários projectos, de que «Animatógrafo» falará a seu tempo. — O que há a respeito de «O Homem do Ribatejo»? Por junto, há... O Ribatejo. Já não falta tudo, como vês...

GOSTO DE BEIJOS. — Guloso! — Transmito as tuas saüdações aos leitores desta secção, e a tua «chamada geral», às leitoras que queiram cartear-se contigo, sôbre temas cinematográficos.

OSWALDO SÁ. — Obrigado, pelas tuas entusiásticas saüdações. Espero que agora tenhamos ensejo de conversar sôbre os assuntos que mais te interessam. — A 1.ª série de «Animatógrafo» encontra-se totalmente esgotada. Hoje pode considerar-se uma raridade bibliográfica...

DEANNA DURBIN'S FAN. — Ainda bem que tiveste de «Animatógrafo» tão magnífica impressão: «excedeu tudo quanto havias desejado». — Podes eliminar o tratamento cerimonioso da nossa correspondência. Como vês, eu adopto o mais cómodo. — «Animatógrafo» vem de encontro ao desejo dos seus leitores em conjunto e em pormenor. Deves ter notado, que desejavas fotos de artistas, em separata, e que elas apareceram! Como todos os leitores, estás convidado agora a dizer-me quem são as vedetas que gostarias de ver na galeria de astros e estrelas da nossa revista.

RAPAZ DE ALPIARÇA. — Escreve a Maria da Graça, por intermédio de «Animatógrafo», pois estou certo de que ela te enviará a foto dedicada por que anseias. — Êste leitor gostaria de trocar correspondência com as leitoras desta secção, nomeadamente sôbre cinema, campismo e Esperanto. À primeira que lhe escrever, oferece uma foto de Clark Gable.

ANACORETA SILVA. — Aqui deixo assinalado o teu desejo de te corresponderes com leitoras do «Animatógrafo».

NICK. — Retribuo afectuosamente o teu abraço. — Claro que ficas inscrito na lista dos meus consulentes. — Transmiti a todos os camaradas e ao director de «Animatógrafo» as tuas saüdações. — Quem é Henry Fields? Mas é claro como água! Henrique Campos.

OSCAR DE LEMOS, DE RIO MAIOR — Registo o teu desejo de te corresponderes com *Maria Cotovia* e *Uma loira madeirense*. Têm a palavra estas leitoras.

COLDWYN II. — Cá recebi, no verso duma foto da maravilhosa Sé Velha de Coimbra, as tuas saüdações amigas. O director de «Animatógrafo» e os seus colaboradores agradecem as tuas palavras, que valem por um incentivo.

Bel-Tenebroso

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

ELES & ELAS



JAMES STEWART

Tudo levava a crer que James Stewart seria um arquitecto, já pelo interêsse que manifestara durante o curso, quer pela vocação demonstrada enquanto freqüentou a Escola de Belas Artes da Universidade de Pennsylvania. No entanto o destino pôde mais que a vocação, e certo dia deixa, com o seu companheiro inseparável Hancey Castle — que é hoje seu secretário — a Universidade pela Broadway, para tentar o teatro. A vida na cidade da luz e dos arranha-céus foi difícil e monótona até que os irmãos Shubbert, com um contrato de 45 dólares por semana, deram a James o segundo papel da peça «Journey at Night». A crítica foi-lhe simpática e o público gostou dêle. Depois disso a carreira no teatro prosseguiu triunfalmente. Tanto que Hollywood reparou nêle e chamou-o, fazendo em 1935 para a Metro «The Murder Man», onde a sua silhueta desmanchadona e tímida — que o havia de popularizar — causou ao mesmo tempo estranhesa e admiração.

«Os Rapazes da Marinha», «A secretária de meu marido», «Nasceu para dançar», «Rose Marie», «Hora Suprema», «O Turbilhão do Gêlo», «Afinal o Mundo é Belo», «Não o levarás contigo», são jornadas da carreira feliz de quem é hoje uma das figuras de maior brilho e popularidade do cinema americano.

James Stewart, que a Aliança Filmes vai apresentar no seu papel de maior responsabilidade — o do jovem deputado, ingénuo e perseverante, de «Mr. Smith Goes to Washington», é também um dos mais disputados galãs da vida real de Hollywood. Ginger Rogers, Rosalind Russell, Sonja Henie, Eleanor Powell fazem parte da sua colecção sentimental. Mas hoje todos êstes nomes famosos nada mais são que agradáveis recordações. A sua única preocupação actual é a linda Olivia de Havilland, de quem está oficialmente noivo. James Stewart, nascido em Indiana, na Pennsylvania, a 20 de Maio de 1909, tem cabelo castanho e olhos azuis. Se lhe quizerem escrever por ocasião da boda, felicitando-o, endereçem para 320, South Bristol, Beverly Hills, Califórnia.

RITA HAYWORTH

Se as leis da hereditariedade tivessem aquela rigidez e rigorismo que os patologistas orgulhosamente se comprazem em enunciar, nada haveria que tivesse desviado Margarita Carmen Cansino da carreira tentadora de bailarina, pois disso tê-la-iam impedido três gerações de dançarinos, começadas com um nome famoso em fins do século passado: António de Sevilla, que os «cabarets» de Bowery, o bairro célebre de Nova York, aplaudiram e festejaram como um dos seus ídolos.

Mas Margarita, que foi durante alguns anos uma discípula sem convicção de Terpsicore, tinha como aspiração suprema ser atriz. E o sangue irlandês de sua mãi, atriz de teatro, venceu o sangue bailarino e espanhol do pai. Rita Cansino foi artista teatral nas companhias em «tournée» pela Califórnia.

Mas do teatro ao cinema pouco mais vai que um passo. Um passo que em 1931 a influência de Winfield R. Sheehan, ao tempo grande «manitou» da Fox, permitiu. E Rita dançou — mas não piou... — em frente de Spencer Tracy, no «Inferno de Dante», nos tempos em que Tracy não passava ainda dum actor pouco mais que correcto. Veio depois «Under the Pampas Moon», um filme em que ela — supremo galardão — falava com Warner Baxter.

A sua carreira prossegue, sem grande brilho, é certo. A almejada popularidade comprazia-se em fazer-se rogada. Até que ao fim de alguns anos os produtores repararam que Rita Cansino não era um nome fonogénico. Passou a chamar-se Rita Hayworth. E o facto é que a operação deu resultado. Rita, considerada pelos desenhadores de modas como a rapariga de elegância ideal, está na berra! Vimo-la, como mulher de Richard Barthelmess em «Paraiso Infernal» (Only Angels have Wings) da Aliança Filmes. Vamos vê-la em breve em «Mais forte que a lei», também da Aliança.

Rita Hayworth, nascida em Nova York a 17 de Outubro de 1918, casou o ano passado, depois de quatro anos de noivado, com Ed Judson, alto funcionário duma companhia de petróleos.

Podem escrever-lhe para a Columbia Pictures, Hollywood, Califórnia. É muito amável e manda sempre o retrato.



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



IRENE DUNNE E CARY GRANT vão fazer-nos rir a perder em «Minha Mulher Favorita», uma produção da Rádio-Filmes.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: PAULETTE GODDARD E ERROL FLYNN